

Carta Arqueológica do Concelho de Macedo de Cavaleiros Campanha 1/2004

Carlos Alberto Santos Mendes ¹

Resumo

Resultante da atribuição de uma bolsa de investigação em arqueologia instituída pela Associação Terras Quentes em parceria com a Câmara Municipal de Macedo de Cavaleiros, deseja-se neste artigo coligir toda a informação recolhida pelos seis grupos, formados por 14 arqueólogos recém licenciados, na primeira campanha realizada em 2004. Pretende-se de uma forma sistemática fazer a prospecção e registo de todos os bens arqueológicos e património edificado existente nas 38 freguesias do Concelho de Macedo de Cavaleiros, contribuindo assim, no final do projecto, com um documento que exprima de forma exhaustiva a inventariação, localização, registo e medidas de salvaguarda a seguir, dotando os decisores políticos do Concelho de um instrumento para a definição estrutural do concelho, não só na definição de áreas potencialmente contingentadas, como na programação de acção de valorização patrimonial.

Palavras Chave: Carta Arqueológica, Topónimo, Sítio, Descrição, Período cronológico.

Summary

As the result of the attribution of a scholarship in archaeology investigation, established by “Terras Quentes” association in partnership with Macedo de Cavaleiros Town Hall, it is the intention of this article to gather all the information collected by the six groups of 14 new graduate archaeologists, in the first campaign carried out in 2004.

It's intended to do in a systematic the prospecting and registry of all archaeological goods and edification patrimony from all 38 parishes of Macedo de Cavaleiros Council, contribute in this way, in the final of the project, with a document that would express the inventorying in a exhaustive way, localization, registry and measures of safeguard to follow, presenting to the politicians Council that decide an instrument for the structural definition of the Council, not only in the definition of potential contingency areas, as well as in the programming action of patrimonial valorization.

Key words: Archaeologist chart, Toponym, Place, Description, Chronological period.

¹ Mestre em História Regional e Local e Licenciado em Arqueologia e História pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Responsável pelo projecto “Terras Quentes” e Presidente da direcção da Associação “Terras Quentes”

Foi Instituída em 2003 pela Associação Terras Quentes em parceria com a Câmara Municipal de Macedo de Cavaleiros uma bolsa de investigação, tendo como objectivo beneficiar recém Licenciados em Arqueologia. Após a recepção das candidaturas o júri decidiu a sua atribuição para o quadriénio 2004/2007 a 14 recém licenciados em Arqueologia e História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa concorrentes a um projecto a englobar no Programa Nacional de Trabalhos Arqueológicos, denominado “Carta Arqueológica do Concelho de Macedo de Cavaleiros” que após a aprovação do Instituto Português de Arqueologia, passou a fazer parte integrante de um PNTA, já aprovado e em execução, denominado “Evolução crono cultural do Concelho de Macedo de Cavaleiros” e com o acrónimo “Terras Quentes”

Dada a extensão do Concelho, cerca de 700 km² divididos entre 38 freguesias, entendeu-se dividi-las pelos 14 concorrentes à bolsa de investigação, que por sua vez foram agrupados em seis grupos de 2 ou 3 elementos, assim atribuiu-se ao **Grupo 1**, coordenado pelo Dr. João Tereso, aos Drs. Fernando Madeira e Rui Caetano, ficando a seu cargo as freguesias de Ala, Arcas, Lamalonga, Murçós, Vilarinho de Agrochão e Vilarinho do Monte

Do relatório da sua acção em trabalhos de campo na campanha 1/2004, transcreve-se o que pensamos mais relevante.

Em preâmbulo esta equipa tece as seguintes considerações:

“O presente relatório visa apresentar os resultados da primeira campanha de prospecção, ocorrida entre os dias 16 e 24 de Outubro de 2004, nas freguesias de Ala, Arcas, Lamalonga, Murçós, Vilarinho de Agrochão e Vilarinho do Monte, no concelho de Macedo de Cavaleiros, distrito de Bragança, Alto Trás-os-Montes. Todo o trabalho desenvolvido integra-se no âmbito da elaboração da Carta Arqueológica no concelho de Macedo de Cavaleiros proposto pela *Associação Terras Quentes*, durante um período de quatro anos, e que para o qual temos a amabilidade de contar com a orientação científica do Dr. João Tereso.

Cada vez mais a composição de uma Carta Arqueológica constitui um desafio, principalmente se pensarmos que é a primeira fase para a identificação, registo e protecção do património nem sempre edificado ou conhecido. Felizmente, o resultado deste tipo de trabalhos tem vindo a ser gradualmente valorizado pelas entidades *não científicas*, que tendem a aperceber-se da verdadeira importância na elaboração deste tipo de documentos, pois confere-lhes a oportunidade de reunir todas as informações,

registos e testemunhos arqueológicos de uma determinada área local ou espaço regional específico. Neste caso, a Carta Arqueológica assume-se assim como um importante instrumento de trabalho tanto no planeamento e ordenamento territorial, bem como na protecção, gestão e valorização do património histórico arqueológico.

Por outro lado, no seio da investigação científica a elaboração da referida Carta reveste-se de uma responsabilidade acrescida, pois sua divulgação tende a auxiliar a relação e cruzamento de diversos dados entre si, de modo a se puder caracterizar as diferentes realidades existentes, como o meio envolvente, que tipo de padrão ocupacional, e de exploração do território, se assiste em determinados momentos cronológicos e/ou áreas geográficas. Deste modo o processo prático para a elaboração da Carta Arqueológica: a *prospecção*, torna-se numa actividade mais metódica cujo cumprimento depende cada vez mais de um *planeamento* prévio, seguido do *trabalho de campo* e, por último, o *tratamento de dados*.

Seguindo estes princípios metodológicos, optámos por investir neste primeiro ano de trabalhos na realocação dos sítios já identificados e, que constavam na base de dados *Endovélico* disponibilizado via *Internet* pelo Instituto Português de Arqueologia (IPA). Aproveitamos também para alertar que, salvo raras excepções, a bibliografia citada pela base de dados não corresponde com a indicada para a recolha de informação.

Contudo, tanto no *planeamento* como na actual *apresentação dos dados* surgiram-nos dificuldades em relação às dissemelhantes características de todo o Nordeste português, note-se a ausência de cartas geológicas particulares publicadas para aquela zona, pelo que tivemos de atenuar este desequilíbrio com a leitura da Carta Geológica de Portugal (1: 50 000), de 1992, e alguma bibliografia adicional. Para o efeito, decidimos elaborar um compêndio objectivo e elucidativo sobre os pontos relativos ao enquadramento administrativo, natural e ecológico das seis freguesias. Nestes dois últimos pontos, tratamos com a devida cautela, pois as dúvidas e contradições mantêm-se sobre a área abrangida pelas micro-regiões, denominadas por *Terra Quente* e *Terra Fria*, bem como as suas concretas demarcações geográficas, o que nos obrigou a expor no ponto relativo à *Caracterização da Paisagem* um pouco da problemática em questão, isto para melhor facilitar a compreensão da peculiaridade da área a ser tratada.

Na apresentação final dos resultados relativos ao trabalho de campo, decidimos estruturá-lo pelas actuais divisões de freguesias, seguido dos sítios por ordem alfabética, onde em cada um irá constar todo o registo, escrito e fotográfico, em fichas individuais

que possibilitem a sua caracterização. Por impedimento, visto ser pouco significativo e de difícil acesso, não podemos acrescentar nas referidas fichas um ponto relativo à bibliografia inerente a cada caso. Anexo a cada ficha incluímos a localização individual de cada sítio na respectiva Carta Militar, e como complemento, apresentamos também a perspectiva por satélite dada pelo Ortofotomapa.

Por último, apresentamos de forma sintética os nossos intentos e propostas de trabalho de campo para o ano de 2005.

1. Descrição dos Trabalhos

Como foi referido na introdução deste relatório, optámos neste primeiro ano de prospecção fazer apenas a relocalização e identificação dos sítios georeferenciados pela base de dados dos Endovélico, disponível no *site* do IPA. O resultado desta pesquisa revelou a existência de três povoados na freguesia de Ala, outros três em Lamalonga, apenas um em Murçós, V.º de Agrochão e V.º do Monte, o que perfaz um total de nove (9) povoados de características diversas. Na freguesia de Arcas estava registado um achado isolado (1), um (1) forno em Lamalonga e, por último uma (1) mina em Murçós. No total, constavam doze (12) sítios já georeferenciados nas freguesias alvo do nosso trabalho.

Uma vez identificados os sítios a relocalizar, procedeu-se à recolha de informação bibliográfica citada e complementar àquela que constava no *Endovélico*. Isto não só para nos auxiliar na caracterização dos mesmos, mas também para tomarmos um contacto melhor com a área a intervir.

Após o planeamento dos objectivos a cumprir, optou-se por não usar-se nenhuma metodologia prática de abordagem ao terreno, visto ser pouco relevante se atendermos ao facto de, nesta fase inicial do projecto, termos delineado os nossos propósitos apenas na identificação e actualização de dados nos sítios de interesse arqueológico já georeferenciados pelo IPA.

O trabalho de campo ocorreu, como já foi aludido, durante os dias 16 e 24 de Outubro de 2004, o que perfaz nove dias no total. Este período foi gerido, sempre que possível, com diversas idas ao terreno, isto porque convém salientar que se apanharam dias de grande precipitação e áreas com denso matagal, que acabaram por condicionar o normal decorrer do trabalho previsto. Todo o registo em campo foi

efectuado por máquina fotográfica digital, preenchimento de fichas detalhadas por sítio, com todos os dados relevantes para a sua identificação e caracterização. Em coerência com os nossos propósitos para esta primeira campanha não efectuámos recolha de material arqueológico à superfície, excepção feita a um bordo de terra *sigillata* do sítio denominado por Cabeço, em Murçós, pois as condições em que foi encontrado previam o seu desaparecimento no imediato, pelo que será devidamente registado no próximo relatório. Para orientação no terreno, usámos a Carta Militar (1: 25 000), folhas n.º 49, 50 e 63, do ano de 1992, e o Sistema de Posicionamento Global (GPS) com uma margem de erro máximo de 15 m.

E como acontece em quase todos os trabalhos de prospecção a referência oral foi-nos extremamente importante, pelo que queríamos deixar uma palavra amiga e de gratidão a todos os populares que nos auxiliaram de uma forma despreocupada e amigável.

2. Área de Intervenção

2.1. Enquadramento Administrativo

A nossa área de intervenção é composta administrativamente pelas freguesias de Ala, Arcas, Lamalonga, Murçós, Vilarinho de Agrochão e Vilarinho do Monte. Estas integram o conjunto total de trinta e oito freguesias que formam o concelho de Macedo de Cavaleiros, no distrito de Bragança, que por sua vez, junto com os municípios limítrofes compõe a Unidade Territorial (NUT de nível III) denominada por região do Alto Trás-os-Montes.

Em termos de área efectiva este aglomerado de seis subdivisões administrativas situam-se no extremo Noroeste do concelho, observando-se mais a Norte as freguesias de Lamalonga, Vilarinho de Agrochão (ambas confinam a Oeste com o concelho de Mirandela e a Norte com o concelho de Vinhais) e Murçós (tendo a Norte apenas o concelho de Vinhais), com um raio de 1 697 hectare (ha), de 1 384 ha e de 2 123 ha, respectivamente. No centro, as freguesias do Vilarinho do Monte e Arcas (as duas com o concelho de Mirandela circunvizinho a Oeste), com uma área de 731 ha e 2 312 ha, respectivamente. Por último, a zona meridional deste conjunto é preenchida pela

freguesia de Ala (que também faz fronteira concelhia a Oeste com Mirandela), de 3 376 ha. Assim, a superfície preenchida por estas freguesias é de 11 623 ha (c. de 16,64 %) do total de 69 927 ha composta pelas trinta e oito freguesias do concelho de Macedo de Cavaleiros.

2.2. Caracterização da Paisagem

A área geográfica das freguesias em questão revela uma paisagem claramente de altitude, confinada no extremo Noroeste do concelho de Macedo de Cavaleiros, pelo que se integra por si só numa faixa de transição entre a Região Duriense a Sul, denominada por *Terra Quente*, com as regiões a Norte cujo revestimento vegetal, sua composição geológica e características climatéricas assinalam uma paisagem marcadamente *transmontana*, designada por *Terra Fria*. Assim, nesta zona a única «distinção (...) depende fundamente de factores humanos» (Taborda, 1932: 13).

Porém, atendendo à grande complexidade atribuída ao estudo dos diferentes pontos de relação natural entre as duas micro-regiões supracitadas, o investigador Sande Lemos, no seu estudo académico sobre *O Povoamento Romano de Trás-os-Montes Oriental* (1993), acrescenta uma nova micro-região a Sudeste, denominada por «Terra de Miranda», e opta por «negligenciar» as referidas faixas de transição identificadas pelo geógrafo Vergílio Taborda. Remetendo, desta forma, todo o território concelhio de Macedo de Cavaleiros na micro-região definida por Terra Fria, embora admita diferenças «restritas, pontuais e isoladas» de paisagem nesta área (Lemos, 1993: 100).

Contudo, estudos recentemente publicados rescrevem toda a micro geografia no Nordeste português, onde deixam de reconhecer a referida «Terra de Miranda» a Sudeste, proposta por Sande Lemos (1993), a favor de uma nova micro-região com nome designativo de «Terras de Bragança e Macedo de Cavaleiros» cujas características correspondem a uma unidade de conjugação entre a *Terra Fria* e a *Terra Quente* transmontana (D'Abreu; Correia; Oliveira, 2004: 149), ou seja, a tal faixa de transição, inicialmente proposta por Vergílio Taborda (1932: 12-17), entre estas duas micro-regiões, com uma área aproximada de 1 210 km² apanhando parte do concelho de Macedo de Cavaleiros, cortando a Noroeste uma fracção das freguesias de Lamalonga, Vilarinho do Monte e Ala para a designada *Terra Quente* posicionada a Sul. No entanto, saliente-se que neste trabalho de síntese todo o Alto de Trás-os-Montes sofre uma mutiplicação micro-regional resultante de uma nova abordagem baseada no padrão humano sobre a paisagem.

2.2.1. Características Geomorfológicas e Geológicas

A este nível, as seis freguesias em estudo neste trabalho posicionam-se no subdomínio centro-transmontano que está em contacto com os maciços metamórficos e subdomínio peri-transmontano, zona de intensa mineralização. Destaque-se desde já a importância mineira nesta área onde se regista filões quartzosos com pirites auro-argentíferas, jazidas de shilite encaixadas em afloramentos de xisto, filões quartzosos com cassiterite nas margens do rio Tuela a montante (já no domínio da freguesia de Lamalonga).

Quase sem excepção pode-se afirmar que todas as freguesias apresentam uma acentuada complexidade no domínio da orografia e variedade na litologia, talvez resultante de uma estrutura geológica directamente relacionada com os maciços de Bragança e Morais, cuja geomorfologia deriva da linha tectónica Manteigas-Vilariça-Bragança (Lemos, 1993: 101). A orografia é muito acentuada e acidentada pois a presença não muito distante da serra de Nogueira a Oeste, juntamente com as naturais características em altura e de forma acidentada de todas as freguesias, acabam por conferir uma altura média de 650 m, onde a acelerada actividade dos processos de erosão modelam formas íngremes, algo escarpadas e austeras, resultantes das deformações tectónicas, que «lembram as formas das montanhas alpinas» (Lautensach, 1987: 137).

A composição litológica é variada se atendermos à sua localização no complexo geológico do precâmbrico e arcaico onde se destacam as formações de rochas metabásicas, xistos verdes, xistos anfibolíticos, xisto-grauvaque e anfibolites, contrastando com manchas residuais de batólitos graníticos a oriente das freguesias de Lamalonga, Vilarinho de Agrochão, Arcas, e Vilarinho do Monte (Taborda, 1932: 27-35).

2.2.2. A rede Hidrográfica

A área de influência das seis freguesias em causa, é drenada por uma principal bacia hidrográfica, a do rio Tuela, que dará origem mais a Sul ao rio Tua e Macedo. Esta grande linha de água, bem como os seus afluentes mais importante, nascem na serra espanhola cruzando-se no nordeste transmontano português, fazendo a fronteira concelhia de Macedo de Cavaleiros a Noroeste, nas freguesias de Lamalonga, V.º de Agrochão e Arcas. As ribeiras a si anexas apresentam caudais significativos que tendem a aumentar com a água proveniente de várias nascentes, como é o caso verificado na serra de Nogueira a Noroeste no quase limite das freguesias de Murçós e parte de Arcas,

cujos cursos em algumas zonas apresenta-se bem definido e noutras é variável, ou seja, circulam consoante as linhas de falha, orientados por «fracturas ou abatimentos» (Ribeiro, 1987: 194) ou mesmo de acordo com as formações rochosas existentes, formando assim uma extensa teia de linhas hídricas que irão desembocar no rio Tuela e de Macedo, seu afluente, atravessando de forma directa todas as freguesias em estudo. Destaque-se o cruzamento do rio Macedo, de NE para SO, que atravessa parte das freguesias de Arcas e V.º de Agrochão, potenciando assim uma série de novos afluentes.

No entanto, pode-se afirmar que nesta área o balanço hídrico é elevado pois apresenta uma quantidade aproximada de água na rede hidrográfica de 600 mm (Lemos, 1993: 105-106).

2.2.3. Cobertura Vegetal

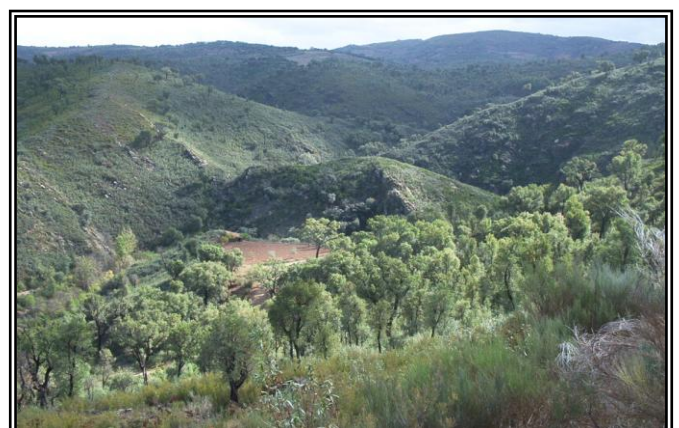
Como já foi referido, a zona ocupada administrativamente pelas seis freguesias em estudo apresenta uma peculiaridade científica característica das denominadas faixas de transição, entre as micro-regiões de Terra Quente e Terra Fria, absorvendo desta forma o diversificado mosaico ecológico de Trás-os-Montes (Vergílio Taborda, 1932: 12-17) (D'Abreu; Correia; Oliveira, 2004: 148-152). Tendo em conta situações pontuais e sempre com alguma cautela, pode-se dizer que toda a região insere-se na «terra dos carvalhos ou *Quercus* de folhas moles» (Daveau, 1988: 594), sendo ocupada por residuais matas sobranceiras às linhas de água de carvalho alvarinho (*Quercus Robur*) e com grandes superfícies arborizadas com carvalho negral (*Quercus Pyrenaica Willd*) de médio e grande porte que se situam nas encostas e cumeadas de serras e montes isolados. A par desta associação vegetal predominante (*Quercion occidentale*), destaque-se as não menos constantes presenças de: extensas áreas protegidas por planícies de substrato xistoso de azinheiras (*Quercus Ilex*), e dos disseminados soutos de castanheiros (*Castanea Sativa*), árvore característica das terras mais setentrionais (Taborda, 1932: 13) (Ribeiro, 1988: 583) (Lemos, 1993: 106-108). Devido a um ritmo climático mais contrastado nesta área exclui-se as plantas de cariz mediterrâneo (Daveau, 1998: 110), exceptuando algumas manchas esporádicas de oliveiras.

Resultados dos trabalhos de campo:

CARRASCAL

Topónimo: Carrascal.

Coordenadas:



Geográficas: Longitude (W) – 07° 00′ 46″

Latitude (N) – 41° 36′ 46″

Gauss: X (p): 293380

Y (m): 516560

Foto 1. Perspectiva geral do povoado a Oeste.

Divisão Administrativa: Bragança, Macedo de Cavaleiros, Ala.

Tipo de Sítio: Povoado Fortificado.

Período Cronológico: Idade do Ferro/Romano.

Tipo de Implantação: Trata-se de um povoado situado num cabeço em esporão rochoso xisto, com as vertentes muito inclinadas (Foto 1), encaixado no vale da ribeira das Corujas, que o circunda excepto a NE onde se situa o local de acesso, bastante estreito e difícil.

Descrição: Embora possuindo um controlo restrito no domínio visual sobre a região envolvente, o povoado apresenta excepcionais condições de defensibilidade proporcionadas tanto pelo relevo acidentado como pela linha de muralha que o circunda, da qual se registou um grande derrube na vertente SE (Foto 2). Nesta mesma vertente detectou-se uma caleira côncava escavada na rocha (Foto 3).



Foto 2. Derrube a NE.



Foto 3. Caleira.



Por sua vez, um pouco mais a Sul deparamo-nos com duas estruturas assimétricas escavadas (Foto 4) na rocha que formam esquina, não tendo sido possível definir os seus limites ou funções. Também neste lado, o povoado permite estabelecer contacto visual com o planalto onde se situa a Pia dos Mouros.

Foto 4. Uma estrutura escavada na rocha.

Infelizmente, devido à lenda do «tesouro encantado» (Neto, 1975: 230) o sítio tem sido alvo de constantes violações (Foto 5) que apenas revelaram abundante material de construção e cerâmica comum de tipologia romana.



Foto 5. Fossa de violação.

CERQUINHA / TOURAL DOS MOUROS

Topónimo: (sem referência).



Coordenadas:

Geográficas: Longitude (W) – 07° 01' 50''

Latitude (N) – 41° 37' 05''

Gauss: X (p): 291890

Y (m): 517120

Foto 1. Vista do povoado com orientação de SE-NO.

Divisão Administrativa: Bragança, Macedo de Cavaleiros, Ala.

Tipo de Sítio: Povoado Fortificado.

Período Cronológico: Indeterminado.

Tipo de Implantação: Apresenta-se sobre um esporão alongado destacado na paisagem, encaixado por vales onde fluem as ribeiras de Ala, Corujas e Vale da Choca. Excepto pelo lado SE onde se verifica o acesso (Foto1).

Descrição: O povoado possui um controlo visual condicionado mas com boas capacidades naturais de defesa em todas as suas vertentes. Porém, o povoado também se encontra ladeado por um talude ao longo do seu perímetro, com excepção a SE (local de acesso), de planta elipsoidal de pequenas/médias dimensões. Constatou-se igualmente a existência de vários derrubes (Foto 2) sobranceiros ao talude, correspondentes à única cintura de muralha detectada. Segundo informação oral, a ausência de talude e de derrubes no local de acesso é justificado pela extracção da pedra usada para outros fins. Não se encontrou vestígios materiais significativos para a atribuição de uma cronologia segura.



Foto 2. Derrube a Este.



Foto 2. Derrube a NE.

PIA DOS MOUROS / PERAFITA

Topónimo: Pia dos Mouros / Perafita.

Coordenadas:



Geográficas: Longitude (W) – 07° 00′ 48″

Latitude (N) – 41° 36′ 36″

Gauss: X (p): 293335

Y (m): 516245

Foto 1. Pormenor lateral da sepultura.

Divisão Administrativa: Bragança, Macedo de Cavaleiros, Ala.

Tipo de Sítio: Achado Isolado.

Período Cronológico: Indeterminado.

Tipo de Implantação: Localiza-se em afloramento xistoso no topo de um pequeno planalto elevado com bom domínio visual e a uma cota superior, a NO do povoado do Carrascal e a Norte do povoado da Cerquinha, distando poucos quilómetros dos mesmos. Fica entre as ribeiras de Corujas e Vale de Moinho que proporcionam bons solos agrícolas.



Foto 2. Pormenor de uma das ferraduras gravada na rocha

Descrição: É uma simples sepultura escavada na rocha, sem forma antropomórfica, com orientação E-O, apresentando 1. 74 cm de comprimento e 50 cm de largura, e com elevado grau de degradação (Foto 1). Apresenta na sua extremidade Oeste a particularidade de se constar duas gravações na rocha em forma de ferradura (Foto 2).



Foto 2. Gravação da outra ferradura, menos perceptível

Ao contrário da informação disponível na base de dados do IPA, não se verificou qualquer evidência arqueológica (tanto materiais como estruturais) nas imediações da sepultura.

NOZELOS/MARCO MILIÁRIO

Topónimo: Nozelos

Coordenadas:



Geográficas: Longitude (W) – 07° 04' 22''

Latitude (N) – 41° 38' 44''

Gauss: X (p): 288330

Y (m): 520130

Foto 1. Perspectiva Oeste do provável miliário

Divisão Administrativa: Bragança, Macedo de Cavaleiros, Arcas.

Tipo de Sítio: Achado Isolado.

Período Cronológico: Romano (?).

Tipo de Implantação: O suposto fragmento de marco miliário encontra-se nas escadas exteriores de uma casa, na povoação de Nozelos (Foto 1).

Descrição: Trata-se de um monólito aparelhado em granito de configuração ovaloide, aparentemente com vestígios truncados de uma provável inscrição romana (Foto 2) (Neto, 1975: 237). A cunha verificada evidencia um reaproveitamento como peso de lagar (Foto 3).



Foto 2. Possível inscrição.



Foto 3. Evidência da

CABEÇO DOS MOUROS

Topónimo: Cabeço dos Mouros

Coordenadas:



Geográficas: Longitude (W) – 07° 07' 27''

Latitude (N) – 41° 41' 35''

Gauss: X (p): 283980

Y (m): 525345

Foto 1. Perspectiva NO do povoado.

Divisão Administrativa: Bragança, Macedo de Cavaleiros, Lamalonga.

Tipo de Sítio: Povoado Fortificado.

Período Cronológico: Idade do Ferro.

Tipo de Implantação: Cabeço pouco proeminente sobranceiro à zona de confluência da ribeira de Fornos com o rio Tuela, (Foto 1) caracterizando como uma área de forte irrigação onde abundam lameiros. Na vertente oriental, e portanto, oposta a esta zona de confluência verifica-se topograficamente uma maior suavidade de relevo, traduzindo-se num acesso mais facilitado. O topo é caracterizado por um afloramento constituído por grandes blocos graníticos.

Descrição: O seu tipo de implantação possui um controlo visual restrito praticamente apenas ao espaço limítrofe mas reveste-se de excelentes condições de defensibilidade natural, excepto na vertente oriental que forma, por sua vez, uma área de contacto com a plataforma em que se insere o sítio do Terrioulo. Tal fragilidade é compensada pela existência de duas linhas amuralhadas, das quais se conservam ainda vestígios estruturados

e respectivos derrubes (Foto 2), pelo que, detectou-se a sua inserção directa sobre o afloramento rochoso aproveitando-o para a sua consolidação. Porém não foi possível verificar todo o envolvimento das duas cinturas no cabeço devido à intensa arborização.



Foto 2. Derrube de duas linhas de

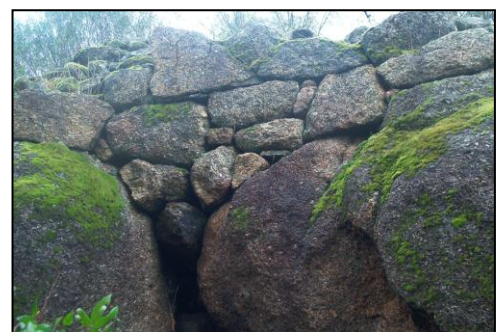


Foto 3. Estrutura encaixada no geológico.



Foto 4. Três covas na sua base.

Na vertente Sul do topo, detectaram-se estruturas transversais e paralelas à primeira e segunda linha de muralhas que assentam directamente sobre o afloramento granítico (Foto 3). Saliente-se a existência na base deste mesmo afloramento de três covas (Foto 4), cuja natureza é indeterminada.

Com particular destaque, no topo do cabeço regista-se a presença de uma pia de forma rectangular, com vertedor orientado a Norte, escavada num grande bloco de granito (Foto 5). Para além desta, foram detectadas mais três pias: uma ovalóide na vertente

Oeste, com um pequeno orifício num dos seus lados (Foto 6). Outra pia na vertente Sul, de forma rectangular, escavada no afloramento destacado da segunda linha de muralha que está por sua vez adossada ao geológico (Foto 7). Por último, na vertente SE, constatou-se outra pia também de forma rectangular, embora de menores dimensões (Foto 8). Contudo, não se encontraram associadas às pias «pequenas escadas» referido na base de dados do IPA.

Foto 5. Pia com vertedor.



Foto 6. Pia ovalóide a Oeste .



Foto 7. Pia escavada no geológico de base da segunda muralha.



Foto 8. Pia de forma rectangular na vertente SE.

FACHO DE LAMALONGA

Topónimo: Facho

Coordenadas:



Geográficas: Longitude (W) – 07° 05' 13''

Latitude (N) – 41° 40' 04''

Gauss: X (p): 287108

Y (m): 522580

Foto 1. Talude de pedra da possível atalaia a Oeste.

Divisão Administrativa: Bragança, Macedo de Cavaleiros, Lamalonga.

Tipo de Sítio: Atalaia.

Período Cronológico: Idade Média.

Tipo de Implantação: Implanta-se numa arriba de colinas suaves, com um amplo domínio visual proporcionado pelo seu posicionamento em relevo de alta altitude. Trata-se de uma área de forte exploração agrícola.



Descrição: Neste sítio georeferenciado não detectámos qualquer evidência, nem material nem estrutural, óbvia de uma atalaia medieval, apenas existe a referência toponímica avançada por Joaquim Neto (1975: 237). A prospeccção apenas revelou um pequeno talude de base pétrea (Foto 1) e alguns alinhamentos (Foto 2) e derrubes de estruturas (Foto 3) que temos dificuldade em considerar como sendo parte integrante da referida atalaia, pois podem ser muros de divisão de propriedade.

Foto 2. Topo de uma estrutura a SO.



Foto 3. Eventual derrube a Oeste.

VILA NOVA DA RAINHA/ FORNO

Topónimo: Salgueiro.

Coordenadas:

Geográficas: Longitude (W) – 07° 06' 20''



Latitude (N) – 41° 40′ 50″

Gauss: X (p): 285545
Y (m): 524000

Foto 1. Localização Este do Forno, junto ao tanque das lavadeiras.

Divisão Administrativa: Bragança, Macedo de Cavaleiros, Lamalonga.

Tipo de Sítio: Forno.

Período Cronológico: Romano.

Tipo de Implantação: Localiza-se numa área sem proeminência visual e nas imediações de uma linha de água (Foto1).

Descrição: Trata-se de um forno de forma rectangular, relativamente bem conservado, acabado por quatro paredes de pedra granítica aparelhada (Foto 2). No seu interior ainda é perceptível uma divisão estrutural de características romanas, composta por baixo, por uma câmara de combustão com a boca a SE (Foto 3) e, por sua vez, em cima, uma câmara de cozedura ainda com a grelha de argila cozida a cobrir toda a área do interior e em bom estado de conservação (Foto 4).



Foto 2. Vista SE do interior do forno.



Foto 3. Boca do forno a SE.



No entanto, não foi possível obter dados mais concretos em relação à câmara de aquecimento, nem recuperar qualquer vestígio arqueológico que pudesse auxiliar numa melhor caracterização do forno, pelo que atendendo às suas características deve-se enquadrar na Categoria II da tipologia dos fornos proposta por Beltrán Lloris (1990: 25-26).

TERRIOULO

Topónimo: Lameirãos.

Coordenadas:



Geográficas: Longitude (W) – 07° 07' 13''

Latitude (N) – 41° 41' 38''

Gauss: X (p): 284300

Y (m): 525445

Foto 1. Perspectiva do sítio a Oeste.

Divisão Administrativa: Bragança, Macedo de Cavaleiros, Lamalonga.

Tipo de Sítio: Habitat.

Período Cronológico: Romano.

Tipo de Implantação: O presente sítio circunscreve-se numa área de relevo pouco acentuado, sem controlo visual significativo e em terras de cultivo agrícola (Foto 1), tendo na sua vertente Este a proximidade com o cabeço do Cabeço dos Mouros que, por sua vez, se debruça sobre a ribeira de Fornos.



Descrição: A estação evidencia uma aparente destruição (Foto 2), facto este comprovado pela despedrega da área e a constituição de um entulho composto por pedras e pela dispersão de material de construção romano na área circundante (Foto 3). Atendendo às características de implantação e do potencial agrícola daquela zona, não nos parece despropositado definir aquele tipo de ocupação como sendo correspondente ao de uma *villa* romana.

Foto 2. Pormenor da destruição a SE.



Foto 3. Fragmento de Tégula à

CABEÇO

Topónimo: Cabeço

Coordenadas:



Geográficas: Longitude (W) – 06° 59′ 11″

Latitude (N) – 41° 39′ 50″

Gauss: X (p): 295500

Y (m): 522250

Foto 1. Perspectiva N-S do povoado.

Divisão Administrativa: Bragança, Macedo de Cavaleiros, Murçós.

Tipo de Sítio: Povoado Fortificado

Período Cronológico: Romano

Tipo de Implantação: Situa-se num cabeço de características de xisto grauváquico e anfibólico, de topo aplanado, com pouca proeminência na paisagem e controlo visual condicionado (Foto 1), ladeado em todas as suas vertentes, com excepção a Norte, por pequenas ribeiras.

Descrição: Trata-se de um povoado de pequenas dimensões cujas características indiciam um talude de planta oval, que poderá corresponder a uma possível linha de muralhas (Foto2), perceptível em todo o sítio, excepto a Oeste. No topo do cabeço verificou-se superficialmente a existência de alguns elementos pétreos aparentemente alinhados resultado de uma eventual acção de destruição sobre possíveis estruturas (Foto 3). Saliente-se, a frequente existência de material de construção característico do período romano na vertente Este do povoado (Foto 4).



Foto 2. Pormenor do talude a Sul.



Foto 3. Pormenor no topo do Cabeço



Foto 4. Vertente Este.

VALE GRANDE

Topónimo: Vale Grande.

Coordenadas:



Geográficas: Longitude (W) – 07° 01′ 10″

Latitude (N) – 41° 40′ 08″

Gauss: X (p): 292730

Y (m): 522790

Foto 1. Perspectiva a SE da possível entrada da mina.

Divisão Administrativa: Bragança, Macedo de Cavaleiros, Murçós.

Tipo de Sítio: Mina.

Período Cronológico: Indeterminado.

Tipo de Implantação: Localiza-se numa encosta acentuada junto do cabeço do Coelho (Foto 1) e está integrada na área de exploração mineralífera de estanho e volfrâmio,



Foto 2. Possível entrada destruída da galeria a SE

Descrição: Não foi possível identificar com precisão a entrada da provável galeria referida por Joaquim Neto (1975: 238-239) visto encontrar-se, possivelmente e segundo fonte popular, subterrada (Foto 2). Pelo que após intensa prospecção naquela área, registámos o que nos garantiram ser a provável boca de entrada da referida mina e cujos resultados apresentamos com a devida prudência.

CASTRILHÃO

Topónimo: Castrilhão.

Coordenadas:



Geográficas: Longitude (W) – 07° 02′ 28″

Latitude (N) – 41° 40′ 02″

Gauss: X (p): 290930

Y (m): 522560

Foto 1. Perspectiva N-S do povoado.

Divisão Administrativa: Bragança, Macedo de Cavaleiros, Vilarinho de Agrochão.

Tipo de Sítio: Povoado Fortificado.

Período Cronológico: Idade do Ferro.

Tipo de Implantação: Localiza-se num esporão xistoso de relevo acidentado, destacado na paisagem e sobranceiro ao rio Macedo nas vertentes N e O (Foto 1), sendo acessível apenas pelo lado SE.

Descrição: Referido por Joaquim Neto (1975: 243), o povoado tem pouco domínio visual e boas condições de defesa, reforçadas por um possível amuralhamento relativo a uma cintura na plataforma circundante a SE do povoado (Foto 2). No acesso ao esporão deparou-se com um enorme derrube (Foto 3) de uma muralha, cuja dimensão não conseguimos delimitar, e que terá colmatado, segundo os populares, uma entrada de abrigo ou buraco. O referido derrube encontra-se no sopé de uma escarpa (Foto 4), que informação oral e a base de dados do IPA levantam a possibilidade de ter sido um «fosso escavado» com o objectivo de desviar o curso natural do rio, para mineração ou apenas com intenções defensivas. Contudo tal constatação não podemos confirmar, pois não encontramos nenhum indício óbvio da acção humana.

No topo do esporão foram encontradas duas fossas de violação (Foto 5), e total ausência de material arqueológico ou de



Foto 2. Estrutura exterior ao esporão a SE



Foto 3. Perspectiva do derrube.

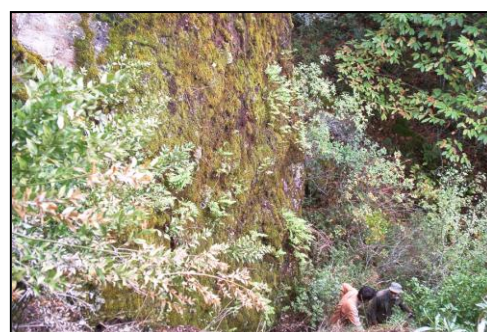


Foto 4. Pormenor da escarpa a Oeste.



Foto 5. Detalhe de uma das duas

estruturas conservadas. Pelo que a atribuição da provável cronologia para este sítio é baseado apenas pelas características de ocupação.

CASTELO DOS MOUROS

Topónimo: Castelo dos Mouros.

Coordenadas:



Geográficas: Longitude (W) – 07° 04' 54''

Latitude (N) – 41° 36' 52''

Gauss: X (p): 287630

Y (m): 516660

Foto 1. Perspectiva Norte do Castelo dos Mouros.

Divisão Administrativa: Bragança, Macedo de Cavaleiros, Vilarinho do Monte.

Tipo de Sítio: Povoado Fortificado.

Período Cronológico: Idade do Ferro (?).

Tipo de Implantação: Localiza-se num esporão xistoso (Foto 1), destacado na paisagem e com bom domínio visual, encontrando-se rodeado pela ribeira do Seixagal nas vertentes Sul e Este, e a Oeste pela ribeira de Vale da Mulher, ambas confluem a SO dando origem a terrenos agrícolas férteis (lameiros). No topo o afloramento local é caracterizado por blocos de xisto.



Foto 2. Derrube da primeira muralha a Sul.

Descrição: Avançada a indicação toponímica de Joaquim Neto (1975: 243), as características de implantação deste *Castelo* atribuem a este sítio uma boa defensibilidade natural, reflectindo-se num bom controlo geo-estratégico da área. Verificou-se a existência de duas cinturas paralelas de muralhas relativamente bem conservadas, com os respectivos derrubes (Foto 2), e/ou de possíveis estruturas habitacionais. A abertura recente de um acesso ao topo do esporão provocou uma acção de destruição que para além de descaracterizar parcialmente o povoado, possibilitou a leitura de eventuais estruturas habitacionais. No topo não se detectou nada de significativo, apenas algumas pedras de média dimensão dispersas por toda a área e sem qualquer tipo de enquadramento.



Foto 2. Pormenor da segunda linha intacta de muralha.

A ausência de materiais arqueológicos à superfície não permite um enquadramento cronológico fiável, pelo que atendendo às suas características de implantação e estruturais, indiciam uma possível ocupação da Idade do Ferro.

GRUPO 2

O Grupo 2, tem como coordenador, Mestre Carlos Mendes e é constituído pelas Drs. Catarina Alves e Helena Barranhão, a este grupo tem como área de trabalho as freguesias de Soutelo Mourisco, Espadanedo, Ferreira, Edroso, Corujas e Podence.

A metodologia delineada por este grupo foi não contemplar a análise da totalidade de cada freguesia, ou seja não escolheu uma freguesia em particular para prospectar intensivamente, parecendo-lhes imprescindível uma primeira abordagem global ao terreno enquanto relocalização e confirmação geográfica, actualização das respectivas referências bibliográficas e descrição dos sítios, o que não invalidou a detecção de alguns novos dados arqueológicos e/ou patrimoniais. Assim, este primeiro ano de projecto constou de uma aproximação e familiarização da paisagem, averiguação das suas vicissitudes e potencialidades arqueológicas.

Foram durante esta primeira campanha reconfirmados e detectados os seguintes sítios:

Freguesia de Espadanedo:

Designação: Pena Mourisca

Tipo de Sítio: Povoado Fortificado

CNS: 2018

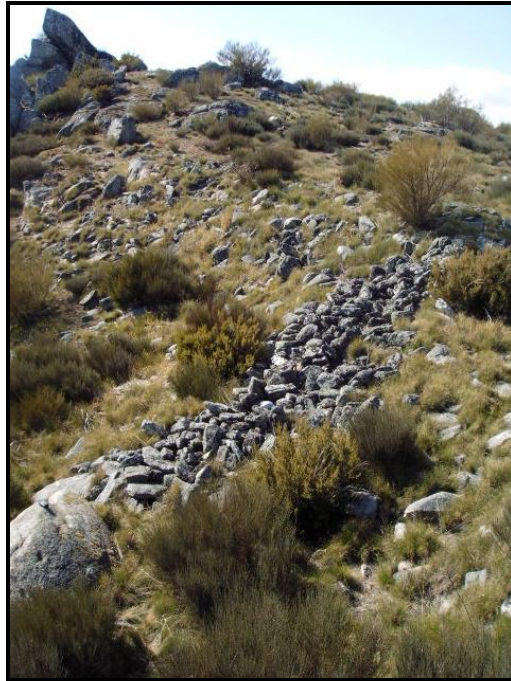
Período cronológico: Bronze, Idade do Ferro?

Topónimo: Pena Mourisca

Coordenadas Geográficas: Latitude: 41° 39' 46'' e Longitude: 6° 54' 38''



Vista panorâmica da área Sul da Pena Mourisca.,



Derrube Este – Oeste.

Designação: Sino dos Mouros, Embanadouro ou Fraga do Berço

Tipo de Sítio: Povoado Fortificado

CNS: 2018

Período cronológico: Indeterminado

Topónimo: Pena Mourisca

Freguesia: Espadanedo

Coordenadas Geográficas: Latitude: 41° 39' 46" e Longitude: 6° 54' 38"



Entrada do abrigo do Embanadouro.

Designação: Vila dos Mouros

Tipo de Sítio: povoado mineiro

CNS 17258

Período cronológico: Romano

Topónimo: Ribeira de Candedo

Freguesia: Espadanedo

Pequena descrição do sítio: A Vila dos Mouros localiza-se na propriedade do Sr. M.G. Bento, que após obtenção de autorização e subsídio para plantio da mesma, arrasou mecanicamente com o terreno e abandonou-o, o que se traduziu num revolvimento e na provável destruição dos estratos arqueológicos. Resta-nos, deste modo, apenas os seus anteriores comentários bibliográficos e a informação oral.

Designação: Vale da Viga

CMP: 1:25.000, folha 50

Freguesia: Espadanedo

Coordenadas geográficas: Latitude: 40° 41' 64'' e Longitude: 6° 55' 25''

Pequena descrição do sítio: Segundo informações orais existiu ali uma linha de muralha. Uma vez no local, detectou-se uma grande linha de pedras de xisto de média calibragem, desenhando na vertente sul um troço, ladeado por vegetação alta. Não foram recolhidos quaisquer vestígios arqueológicos, o que poderá sugerir se tratar de um fantástico pormenor natural.

Topónimo: Boiça Velha

CMP: 1:25.000, folha 50

Freguesia: Espadanedo

Coordenadas Geográficas: Latitude 41° 39' 82'' e Longitude 6° 54' 13''

Pequena descrição: Não foi detectado qualquer vestígio arqueológico quer no cume, quer na encosta da elevação.

Topónimo: Alto da Escaravada

CMP: 1:25.000, folha 50

Freguesia: Espadanedo:

Coordenadas geográficas: latitude 41° 39' 59'' e Longitude 6° 56' 00''

Pequena descrição: Não foi detectado qualquer vestígio arqueológico quer no cume, quer na encosta da elevação.

Topónimo: Pedra da Anta

CMP: 1:25.000, folha 50

Freguesia: Espadanedo

Coordenadas Geográficas: Latitude 41° 40' 8'' e Longitude 6° 53' 40''

Pequena descrição: O nome deve-se a uma pedra que cobre outras duas no topo Norte da elevação assemelha-se a este tipo de estrutura megalítica. Detectaram-se vestígios de entalhes em diversas pedras, o que poderá ter a ver com a proximidade de uma pedreira. Não se registou qualquer vestígio arqueológico quer no cume, quer na encosta da elevação.

Designação: Cabeço Gordo

Tipo de sítio: Achado isolado

Período cronológico: indeterminado

Topónimo: Cabeço Gordo

Freguesia: Espadanedo

Coordenadas geográficas: Latitude: 41° 39' 24'' e Longitude 6° 54' 14''

Pequena descrição: Foram identificados dois blocos de granito, um apresentava uma marca em negativo que perfazia um círculo perfeito e o segundo estava perfurado transversalmente, desconhecendo-se a sua funcionalidade e cronologia.



Perfuração circular e transversal do bloco de granito

Designação: Igreja de Espadanedo

Tipo de sítio: Achado isolado (tampa de sepultura)

Período cronológico: indeterminado

Freguesia: Espadanedo

Coordenadas Geográficas: Latitude: 41° 39' 82" e Longitude 6° 56' 24"

Pequena descrição: Numa clara deposição secundária foi-nos possível identificar, no topo do muro que serve de apoio lateral ao portão de acesso ao átrio exterior da Igreja Matriz de Espadanedo duas metades de uma tampa de sepultura em granito.



Enquadramento e localização da tampa de sepultura partida em duas partes.

Designação: Bouzende

Tipo de sítio: Achado isolado (escultura)

CNS: 17257

Período cronológico: indeterminado

Freguesia: Espadanedo

Coordenadas geográficas: Latitude: 41° 39' 18'' e Longitude: 6° 55' 8''

Pequena descrição: Na parede de uma casa da povoação de Bouzende relocalizou-se, fazendo parte da própria construção e portanto embutida na estrutura, um bloco de granito de pequenas dimensões esculpido e que figurava uma face humana.



Pormenor da escultura de face humana

Designação: Mogrão/Caúinha

Tipo de sítio: povoado fortificado

CNS 2004

Período cronológico: Idade do ferro

Topónimo: Caúinha

Freguesia: Ferreira

Coordenadas Geográficas: Latitude: 41° 37' 60'' e Longitude 6° 59' 33''

Pequena descrição: A estratigrafia do sítio encontrou-se completamente destruída pela abertura de um caminho recente



Vista do cabeço de Caúinha.

Designação: Sobreirinho

Tipo de Sítio: necrópole

CNS 2022

Período cronológico: medieval

Topónimo: Sobreirinho

Freguesia: Ferreira

Coordenadas geográficas: Latitude: 41° 37' 22'' e Longitude 6° 57' 14''

Pequena descrição: Sítio arqueológico a ser alvo de intervenção no âmbito do projecto “Terras Quentes”.

Designação: Bovinho

Tipo de sítio: povoado fortificado

CNS 2011

Período cronológico: povoado romanizado (antiguidade tardia II-IV d.C ?)

Topónimo: Poços dos Mouros

Coordenadas geográficas: Latitude: 41° 37' 19'' e Longitude: 6° 56' 47''

Pequena descrição: Sítio arqueológico a ser alvo de intervenção no âmbito do projecto “Terras Quentes”

Designação: Igreja Matriz de Edroso

Tipo de sítio: Igreja

CNS: 17256

Período cronológico: Idade média

Freguesia: Edroso

Coordenadas: Latitude: 41° 37' 76'' e Longitude: 6° 56' 8''

Pequena descrição: Três pequenas pedras decoradas que se localizam embutidas na base da parede sul da igreja. Numa destaca-se uma cena de caça da qual fazem parte um homem, uma arma e dois animais quadrúpedes, um deles invertido, noutra, uma imagem antropomórfica (casal de caretos) na terceira uma figuração geométrica.



Vista global das 3 figurações na lateral da Igreja Matriz de Edroso.

GRUPO 3

O Grupo 3, tem como coordenador, Mestre José Manuel Quintã Ventura e é constituído pelas Drs. Carla Matias e Márcia Diogo, este grupo tem como área de trabalho as freguesias de Amendoeira, Lamas, Macedo de Cavaleiros, Santa Combinha, Sezulfe e Vale de Prados.

Os resultados da campanha 1 de 2004 foram os seguintes:

Solar dos Sarmentos,

Distrito	Bragança
----------	----------

Concelho	Macedo de Cavaleiros
Freguesia	Amendoeira
Lugar	Solar dos Sarmentos
C. M. P. (1:25 000)	Folha 77 de 1995
Altitude	635 m
Coordenadas UTM	29TPF67100014
Coordenadas segundo o DATUM de Europeu	Latitude – 41°32'2".3 Longitude – 6°59'2".3

CARACTERIZAÇÃO

Tipo de sítio	Necrópole (?)
Período Cronológico	Romano
Data de visita	25/09/2004 e 04/12/2004

Descrição do sítio

Segundo consta provêm do Solar existente no extremo sul da aldeia de Pinhovelo, conhecido como Solar dos Sarmentos, quatro inscrições funerárias romanas. Com maior precisão, pensa-se que estas estelas poderão provir de um recinto interior contíguo ao referido solar., actualmente plantado com árvores de fruto. Contudo, de acordo com os dados fornecidos por Francisco Manuel Alves (ALVES, 1976, p. 72-73), as epígrafes foram recolhidas, na totalidade, no sítio da Terronha. Uma das inscrições foi doada ao Museu Abade Baçal, Bragança, pelo Dr. António Maurício de Macedo Sarmento que a mantinha guardada numa propriedade contígua à sua casa de habitação, actualmente conhecida como Solar dos Sarmentos. Já Armando Redentor (REDENTOR, 2002, p. 79) indica para a proveniência da epígrafe depositada no Museu Abade de Baçal, uma propriedade da família Sarmento, junto à casa de habitação, encontrada durante um surribe para plantação de vinha, corroborando a descrição da base de dados do IPA e para a inscrição depositada no Museu Nacional de Arqueologia o sítio da Terronha. Todas estas informações díspares parecem apontar uma só proveniência para duas das inscrições funerárias – o sítio da Terronha de Pinhovelo, questionando a real proveniências das restantes pela proximidade da povoação de Pinhovelo com o sítio arqueológico da Terronha. Segundo a bibliografia consultada são conhecidas quatro inscrições depositadas em sítios distintos. Uma no Museu Nacional de Arqueologia (n.º E-6530) (REDENTOR, 2002a, n.º 88, p. 152-153) uma no Museu Abade Baçal (n.º 1546), Bragança (REDENTOR, 2002a, n. 61, p. 119-120) e duas na aldeia de Pinhovelo (uma na soleira da porta da sacristia (ALVES, 1975, 1976;

RODRIGUEZ COLMENERO, 1997), agora tapada pela parede e outra no solar dos Sarmentos, propriedade da família Correia Araújo [REDETOR, 2002a, n.º 81, p. 144.145]).

Em relação à inscrição que estaria na soleira da sacristia descobrimos por informação oral de uma habitante de Pinhovel, durante a visita de 04.12.2004, que a inscrição foi tapada durante obras de remodelação que decorreram nos anos 50 do séc. XX. Contudo, esta informação não pode, ainda, ser precisada com o pároco da Igreja ou com pessoas que tenham participado nas referidas obras desconhecendo-se também a sua proveniência.

Não foi possível contactar a família Correia Araújo, proprietária do solar dos Sarmentos, mas conhece-se uma das inscrições que continua na sua posse por publicação de Armando Redentor (REDETOR, 2002a, p. 144-145).

As três inscrições romanas publicadas são estelas funerárias em granito com esquemas decorativos semelhantes, ainda que todas se apresentem fracturadas.

A que se apresenta mais completa é a inscrição depositada no Museu Abade Baçal possuindo esquema decorativo quadripartido com três registos figurativos e a inscrição funerária. A parte superior tem uma configuração semicircular, a inferior convexa e perfil rectilíneo. Segundo Armando Redentor (REDETOR, 2002a, p. 119) o topo antropomórfico que desde as primeiras publicações tem sido associado a este monumento, parece afinal não ter qualquer relação com ele. Assim, a estela funerária tem como elementos decorativos uma roda de raios curvos inscrito em moldura sobre uma outra moldura com fêmea de cervídeo inscrita. Segue-se o campo epigráfico, que terá sido alterado dando-lhe a actual configuração convexa (REDETOR, 2002a, p. 120) com a seguinte inscrição funerária (com variantes de ALVES, 1910; LEMOS, 1993, LOPO, 1987, GARCIA, 1996, RODRÍGUEZ, 1997, ALVES, 1934):

L ABOENA / CILVRNI (filia) / VXORI S / TAVI (---). / CANCI ? (filius) ?



Fig. 1 – Estela funerária proveniente do Solar dos Sarmentos, Pinhovo depositada no Museu Abade Baçal, n.º inventário: 1546. (foto segundo REDENTOR, 2002a; desenho segundo RODRÍGUEZ, 1997)

A segunda inscrição melhor conservada é a que se encontra no Museu Nacional de Arqueologia. Esta inscrição, ainda que incompleta, parece ter tido um topo semicircular, apresentando um acabamento cuidado nas quatro faces e arestas posteriores em bisel (REDENTOR, 2002a, p, 152) e escoriações profundas nas arestas da face anterior que afectam a decoração da cabeceira e o campo epigráfico no lado esquerdo. Sobre o campo epigráfico inscrito em moldura, pode observar-se uma rosácea ou cruz hexafólia. A inscrição apresenta o seguinte texto (leitura de Amando Redentor, ainda que existam outras leituras anteriores (ALVES, 1910; LEMOS, 1993; GARCIA, 1996, LOPO, 1987 e RODRÍGUEZ, 1997):

+NARIA / CLOVTI / F(ília) ANN(orum) / LX (sexaginta)



Fig. 2 – Estela funerária proveniente do sítio da Terronha, Pinhovoelo depositada no Museu Nacional de Arqueologia, n.º inventário E – 6530. (foto segundo REDENTOR, 2002a)

A terceira inscrição funerária conhecida provém do Solar dos Sarmentos estando ainda na posse da família proprietária do referido solar – Correia Araújo.

Trata-se de uma estela de granito de cabeceira arredondada, fragmentada na zona do campo epigráfico e bastante detriorada.

Na cabeceira apresenta um crescente invertido inscrito e a inscrição encontra-se gravada em moldura rectangular, cujo texto se transcreve em seguida:

DI(s) ? M(anibus)? / RI(nexo)BU(nexo)R / RAA ? / [---]

Estando inédita até à publicação do trabalho de Armando Redentor (REDENTOR, 2002a) e não tendo sido possível contactar a família Correia Araújo, todos os dados apresentados têm como fonte o referido trabalho (REDENTOR, 2002a).



Fig. 3 – Estela funerária proveniente de um terreno contíguo ao solar dos Sarmentos, Pinhovo, ainda na posse da família Correia Araújo.

<i>Proprietários</i>	Família Correia Araújo
<i>Contacto</i>	
<i>Classificação</i>	Não classificado
Classificação do imóvel	Não classificado
Estado de conservação	Indeterminado
<i>Uso do solo</i>	Agrícola (Olival) e Urbanizado
Ameaças	
Acessos	Estrada Municipal 110

Distrito	Bragança
Concelho	Macedo de Cavaleiros
Freguesia	Amendoeira

Lugar	Terronha de Pinhovel
C. M. P. (1:25 000)	Folha 77 de 1996
Altitude	690 m
Coordenadas UTM	29TPF671360148
Coordenadas segundo o DATUM Europeu	Latitude – 41°32'3".4 Longitude – 6°59'1".4

CARACTERIZAÇÃO

Tipo de sítio	Povoado fortificado
Período Cronológico	Idade do Ferro/Romano
Data de visita	26/09/2004 e 04/12/2004

Descrição do sítio

Trata-se de um povoado fortificado da Idade do Ferro, posteriormente romanizado. Localiza-se num monte elevado aplanado no topo, com uma larga extensão de cerca de 2,5 há. Possui condições excepcionais quer de visibilidade, quer de defesa natural, sobretudo na encosta Oeste, onde as escarpas descrevem um acentuado declive. Nas restantes encostas a defensibilidade é reforçada pela existência de muralhas, ainda hoje perfeitamente visíveis.

No decurso da execução do IP2 o sítio da Terronha, que viria a ser afectado pelas obras daquela via rodoviária, foi alvo de escavações arqueológicas de avaliação e caracterização no decurso dos estudos de impacte daquela obra. Em 1997 publicam-se os resultados (CARVALHO et alii, 1997) trazendo à luz importantes dados acerca da ocupação humana daquele sítio. Em 2004 este sítio foi, de novo, palco de novas intervenções arqueológicas (na totalidade três sondagens) promovidas pela Associação Terras Quentes. Por esta razão, não efectuamos qualquer tipo de trabalho de prospecção no local, tendo sido feito, apenas, um reconhecimento geral do terreno e do seu enquadramento geográfico.

Alguma bibliografia indica como proveniente deste sítio algumas das inscrições funerárias conhecidas em Pinhovel (ver fichas referentes a Solar dos Sarmentos) e durante muitos anos aí depositadas. Porém, os trabalhos até agora efectuados não demonstraram a existência de uma necrópole naquele sítio.



Fig.1 – Aspecto de derrube de muralha a Este.

Distrito	Bragança
Concelho	Macedo de Cavaleiros
Freguesia	Amendoeira
Lugar	Santa Madalena
C. M. P. (1:25 000)	Folha 63 de 1992
Altitude	775 m
Coordenadas UTM	29TPG676030.8
Coordenadas segundo o DATUM Europeu	Latitude – 41°33'3".2 Longitude – 7°00'2".3

CARACTERIZAÇÃO

Tipo de sítio	Povoado fortificado
Período Cronológico	Indeterminado (Bronze Final?)
Data de visita	23/09/2004

Descrição do sítio

O acesso a este sítio faz-se pela aldeia da Amendoeira, por caminhos secundários não alcatroados, ao longo do nó IP2/IP4, atravessando, no final da aldeia, o túnel sob o referido nó que dá acesso directo à capela de Santa Madalena.

Segundo a base de dados do IPA o sítio arqueológico localiza-se no topo do morro tendo sido destruído pela construção da capela de Santa Madalena. Contudo na visita de reconhecimento e relocalização que efectuamos não identificamos qualquer fragmento de materiais arqueológicos no topo do morro.

Com efeito, apenas na segunda plataforma desta elevação, a cerca de 750 m de altitude, recolhemos um fragmento cerâmico, indeterminado, e identificámos uma estrutura pétreia que se prolonga por toda a encosta Oeste com várias áreas de derrube que aparentemente não serão recentes, mas cujos períodos de construção e utilização não poderão ser, ainda, determinados. A identificação de materiais arqueológicos foi, em muito, dificultada pela vegetação (estevas) com cerca de 1m de altura.

<i>Proprietários</i>	
<i>Contacto</i>	
<i>Classificação</i>	Não classificado
Classificação do imóvel	Não classificado
Estado de conservação	Indeterminado
<i>Uso do solo</i>	Baldio
Ameaças	
Acessos	Aldeia de Amendoeira



Fig. 1 – Vários aspectos da estrutura pétrea.

Distrito	Bragança
Concelho	Macedo de Cavaleiros
Freguesia	Lamas
Lugar	Lamas
C. M. P. (1:25 000)	Folha 64 de 1996
Altitude	685 m
Coordenadas UTM	29TPG70820636
Coordenadas segundo o DATUM Europeu	Latitude – 41°35'2" Longitude – 6°58'0".3

CARACTERIZAÇÃO

Tipo de sítio	Inexistente
Período Cronológico	_____
Data de visita	02/10/2004

Descrição do sítio

Por informação oral que referenciava a existência de “umas letras antigas, talvez romanas” desloquei-me à povoação de Lamas para averiguar a sua autenticidade e consequentemente avaliar a sua caracterização arqueológica.

De facto trata-se de um conjunto de marcas indeterminadas no substrato rochoso de um terreno em Lamas (sobranceiro ao caminho que liga Lamas às povoações do Gradíssimo e Nogueirinha). Sucessivamente a população tomou aquelas marcas como letras romanas tendo o hábito de tocar nas marcas, aprofundando a sua gravação, configurando-lhe algumas formas de letras (informação oral do Dr. Manuel Cardoso). Porém, a visita ao local demonstrou não se tratar de um vestígio arqueológico, mas de uma marca antrópica não intencional de origem indeterminada.



Fig.1 – Enquadramento do local no caminho de Lamas para o Gradíssimo e Nogueirinha (terreno do lado esquerdo do caminho, indicado pela seta).



Fig.2 – Marcas indeterminadas no terreno visitado

Distrito	Bragança
Concelho	Macedo de Cavaleiros
Freguesia	Macedo de Cavaleiros
Lugar	Travanca (Topónimo: Terronha)
C. M. P. (1:25 000)	Folha 77 (Cortiços) de 1995
Altitude	625 m
Coordenadas UTM	29TPF682800152
Coordenadas segundo o DATUM Europeu	Latitude – 41°32'2".5 Longitude – 6°59'0".2

CARACTERIZAÇÃO

Tipo de sítio	Habitat
Período Cronológico	Romano
Data de visita	28/09/2004 e 04/12/2004

Descrição do sítio

Trata-se de um habitat romano localizado a SE do sítio da Terronha, Pinhovel, do lado oposto do nó de ligação IP2/IP4. Localiza-se numa zona aplanada e de baixa altitude onde os materiais arqueológicos (indeterminados) se apresentam dispersos por uma área descontínua de cerca de 30 m de extensão, concentrando-se no terreno baldio contíguo à vinha, tratando-se maioritariamente de material de construção de características romanas. Curiosamente na vinha referida na ficha de sítio da base de dados não foi recolhido material arqueológico. Pelos dados conhecidos, vegetação e observação do terreno não é possível uma melhor caracterização do sítio.

<i>Proprietários</i>	
<i>Contacto</i>	

<i>Classificação</i>	Não classificado
Classificação do imóvel	Não classificado
Estado de conservação	Indeterminado
<i>Uso do solo</i>	Agrícola + Baldio
Ameaças	
Acessos	Estrada 1110+Pinhovelou ou pela aldeia de Travanca



Fig. 1 – Aspecto geral da vinha referida na ficha de sítio da base de dados do IPA.

LOCALIZAÇÃO

Distrito	Bragança
Concelho	Macedo de Cavaleiros
Freguesia	Macedo de Cavaleiros
Lugar	Chairas
C. M. P. (1:25 000)	78 de 1996
Altitude	_____

Coordenadas UTM	_____
Coordenadas segundo o DATUM de Europeu	_____

CARACTERIZAÇÃO

Tipo de sítio	Arte Rupestre
Período Cronológico	Indeterminado

Descrição do sítio

O sítio em questão foi totalmente destruído, pelo que não foi possível identificá-lo. A localização apresentada é a conhecida através da base de dados do IPA e da descrição de Francisco Alves (ALVES, 1975, p. 658) que situa as fragas no “termo de Travanca, concelho de Macedo de cavaleiros, a 1 km daquela povoação e dois da vila (actualmente cidade), pouco mais ou menos, à esquerda do caminho e distante dele coisa de cem metros, que vai de Travanca para a estação de Grijó de Vale Bemfeito, na via férrea”.

Pela descrição dada na referida base de dados e pelas informações disponíveis na bibliografia consultada, tratava-se de um conjunto de gravuras (entre ferraduras, círculos e cruciformes e uma possível figura “em pente” e covinhas) dispostas em duas fragas de xisto e gravadas nas suas faces nascentes, sensivelmente viradas para a ribeira (Ribeira de Macedo de Cavaleiros) que ali se encontra. Estas fragas encontram-se isoladas numa área de campos aplanados localizando-se numa pequena elevação de terreno destacada com domínio visual sobre a área envolvente.

Distrito	Bragança
Concelho	Macedo de Cavaleiros
Freguesia	Santa Combinha
Lugar	Casal do Fidalgo
C. M. P. (1:25 000)	Folha 64 de 1996

Altitude	624 m	Cabeço do Fidalgo
Coordenadas UTM	29TPG75204156	
Coordenadas segundo o DATUM de Europeu	Latitude – 41°34'3".4 Longitude – 6°53'5".4	
Altitude	600 m	Núcleo de arte rupestre
Coordenadas UTM	29TPG7014402116	
Coordenadas segundo o DATUM de Europeu	Latitude – 41°34'3".5 Longitude – 6°57'0".3	

CARACTERIZAÇÃO

Tipo de sítio (Casal do Fidalgo)	Povoado
Tipo de sítio (Ilha do Fidalgo)	Arte Rupestre
Período Cronológico (Casal do Fidalgo)	Romano
Período Cronológico (Ilha do Fidalgo)	Indeterminado
Data de visita	26/09/2004 e 02/10/2004

CABEÇO DO FIDALGO

Descrição do sítio

O Cabeço do Fidalgo apresenta duas ocupações humanas distintas cronológica e espacialmente. A primeira diz respeito a um estabelecimento humano romano localizado no topo da actual ilha na albufeira da barragem do Azibo, junto à povoação de Santa Combinha. A segunda, (re)descoberta durante os trabalhos de prospecção, trata-se de um conjunto de arte rupestre esquemática localizada nas actuais margens da referida ilha do Cabeço do Fidalgo urgindo, portanto, a sua protecção a fim de evitar a sua submersão.

A ocupação humana no topo do Cabeço do Fidalgo pode ser classificada de romana, porém não é possível, ainda, adiantar maior precisão visto que apenas foi recolhido material inclassificável,

material de construção (*tegula*), um fundo indeterminado e um bordo com arranque de asa de um grande recipiente. O sítio localiza-se no topo do monte com excelente domínio visual periférico e boas condições de defesa naturais quer pela altitude, quer pela existência de escarpas de xisto de acentuado declive, sobretudo na encosta N. Actualmente a paisagem está bastante modificada, porém tratar-se-ia de um monte de difícil acesso, rodeado de pequenos, mas importantes cursos de água, o que pode ser constatado pela observação de uma qualquer Carta Militar de Portugal 1: 25 000 (folha 64) anterior à edição de 1996, portanto anteriores à existência da barragem do Azibo.

O denso coberto vegetal dificulta em grande medida a prospecção dos terrenos sendo possível, contudo, distinguir alguns troços de estruturas pétreas.

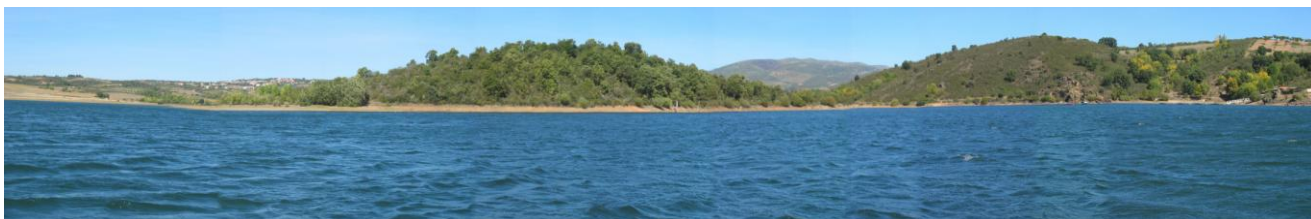


Fig.1 - Ilha do Fidalgo.

ILHA DO FIDALGO

Caracterização do sítio

Ao descermos o Cabeço do Fidalgo verificamos que não há vestígios de arte rupestre na encosta N onde as fragas de xisto são escarpadas e o seu declive acentuado. Contudo a margem NO reservava a maior surpresa. De facto, localiza-se nesta margem um notável conjunto de arte rupestre esquemática que se concentra num painel com cerca de 4 m de altura por cerca de 3 m de largura, mas que se distribui por outros de dimensões bastante menores. Entre os motivos mais frequentes encontram-se covinhas de variados diâmetros e profundidades, e traços verticais e horizontais que se cruzam numa amálgama de motivos abstractos ora incisos, ora filiformes, ora ponteados. Tradicionalmente estes motivos têm vindo a ser inseridos na Idade do Bronze, sem que se possa precisar o seu contexto cronológico, cultural e mental.

Procedeu-se, então, ao decalque dos principais motivos gravados tratando-se apenas de uma forma primária de preservação do seu conteúdo. Este trabalho foi realizado com luz artificial rasante utilizando manga plástica e canetas de cor distintas para indicar as diferentes formas de gravação.

É urgente a tomada de medidas para a protecção e estudo destas gravuras, impedindo o seu desaparecimento por submersão pela subida do nível de água da albufeira da barragem do Azibo.



Fig. 1 – Vista geral do Paineira 1 (Ilha do Fidalgo).



Distrito	Bragança
Concelho	Macedo de Cavaleiros

Freguesia	Santa Combinha	
Lugar	Pegada	
C. M. P. (1:25 000)	Folha 64 de 1996	
Altitude	615 m	Fraga da Pegada
Coordenadas UTM	29TPG753605152	
Coordenadas segundo o DATUM de Europeu	Latitude – 41°35'0".8 Longitude – 6°53'5"	
Altitude	610 m	Fraga da Pegada (núcleo 2)
Coordenadas UTM	29TPG752405152	
Coordenadas segundo o DATUM de Europeu	Latitude – 41°35'0".7 Longitude – 6°55'0".2	

CARACTERIZAÇÃO

Tipo de sítio	Arte Rupestre
Período Cronológico	Indeterminado
Data de visita	25 e 27/09/2004 e 03/10/2004

Fraga da Pegada

Descrição do sítio

Trata-se de um importante sítio de arte rupestre distribuída em núcleos distintos, sendo que apenas um deles era conhecido até aos trabalhos de prospecção desta equipa. Durante a visita de 27/09/2004 deparamo-nos com um conjunto de arte rupestre esquemática ao longo das margens da albufeira que pensamos tratar-se do referido conjunto na ficha de sítio da base de dados do IPA. Contudo, a Fraga da Pegada a que diz respeito a ficha de sítio estava, à visita de 25/09/2004, tapada pelos tapumes metálicos de vedação de uma obra da responsabilidade da Câmara Municipal de Macedo de Cavaleiros. Numa segunda visita, a 03/10/2004, verificou-se

que alguns dos tapumes metálicos tinham sido retirados constatando-se, então, que uma parte da Fraga havia sido já destruída pelas obras em curso. De imediato o sucedido foi comunicado pelo Dr. Manuel Cardoso, membro da Associação Terras Quentes, à Câmara Municipal de Macedo de Cavaleiros que se encarregou da imediata protecção da Fraga da Pegada, sem que conheçamos, de momento, o estado físico e de conservação da mesma.

A Fraga da Pegada é um conjunto de arte rupestre localizado numa fraga de transição geológica entre o xisto e o granito, havendo motivos gravados em ambos os suportes. Entre os motivos gravados conservados podem observar-se covinhas, pés antropomorfos ou pegadas e cruces, não se tendo identificado ferraduras, como referido na ficha de sítio do IPA, talvez pela sua destruição. Os motivos são gravados em painéis quer na vertical, quer na horizontal, parecendo ter sido adaptado um acesso em escada, escavado na própria fraga (Fig.2).

As cruces, posteriores à gravação dos restantes motivos, foram utilizadas como marco divisório dos termos de Santa Combinha e Quintela de Lampaças, como nos confirmou o Dr. Manuel Cardoso, sendo uma prática recorrente em vários outros sítios de arte rupestre.





Fig. 1 – Aspecto geral (Oeste e Este respectivamente) da Fraga da Pegada.

Distrito	Bragança
Concelho	Macedo de Cavaleiros
Freguesia	Vale de Prados
Lugar	Padaria
C. M. P.	Folha 64 (Vinhas – Macedo de Cavaleiros) de 1996
Altitude	630 m
Coordenadas UTM	29TPG7014402116
Coordenadas segundo o DATUM Europeu	Latitude – 41°33'1" Longitude – 6°57'0".3

CARACTERIZAÇÃO

Tipo de sítio	Achado isolado
---------------	----------------

Período Cronológico	Indeterminado
Data de visita	23/09/2004

Descrição do sítio

O sítio localiza-se próximo da estrada municipal 102, do lado oposto (esquerdo) ao entroncamento de acesso à aldeia de Vale de Prados, numa encosta de pequeno declive sobranceira à referida estrada municipal.

Por informação oral conhece-se a existência de uma sepultura de caixa que nos anos 60 do séc. XX foi totalmente destruída aquando da construção da padaria que ainda hoje se encontra em funcionamento.

A actual proprietária referiu-se ainda à inexistência de qualquer conteúdo na sepultura e à conservação (até à data referida) de apenas três lajes (duas laterais e uma de base).

Foi-lhe concedida autorização para prospectar os terrenos envolventes (propriedade de D. Alzira), contudo não foram encontrados materiais arqueológicos.

<i>Proprietários</i>	D. Alzira
<i>Contacto</i>	278426090
<i>Classificação</i>	Não classificado
<i>Estado de conservação</i>	Destruído
<i>Uso do solo</i>	Agrícola (Olival)
<i>Ameaças</i>	Destruído
<i>Acessos</i>	Estrada Municipal 102 (até entroncamento para Vale de Prados) + Caminho privado



Fig. 1 – Localização da actual padaria de Vale de Prados construída sobre a sepultura de caixa pétrea localmente conhecida como “Sepultura dos Mouros”.

LOCALIZAÇÃO

Distrito	Bragança
Concelho	Macedo de Cavaleiros
Freguesia	Vale de Prados
Lugar	Vale de Prados
C. M. P. (1:25 000)	_____
Altitude	_____
Coordenadas UTM	_____
Coordenadas segundo o DATUM Europeu	_____

CARACTERIZAÇÃO

Tipo de sítio	Marco
Período Cronológico	Moderno
Data de visita	21/09/2004 e 22/09/2004

Descrição do sítio

Trata-se de um marco moderno que servia para demarcar a separação entre os termos de Vale de Prados e Macedo de Cavaleiros. Na ficha de sítio da base de dados do IPA refere-se que este marco está deslocado da sua localização original e que localmente estará próximo do cemitério actual. Contudo em visita ao local não foi possível localizar o marco junto do actual cemitério onde, aliás, estavam a decorrer obras para colocação de postes eléctricos e construção de um muro, o que poderá justificar a sua deslocação.

Em conversa com o Presidente da Junta de Freguesia de Vale Prados, Sr. Natalino José, foi-nos indicada uma localização imprecisa, mas totalmente oposta à referida que necessita de confirmação em trabalhos futuros.

A bibliografia consultada refere tratar-se de um marco moderno reutilizando símbolos pré-históricos como cruzes e covinhas, sendo portanto um objecto de “interesse arqueológico” (ALVES, 1934; NETO, 1975).



Fig. 1 – Marra de Vale de Prados segundo Francisco Alves (ALVES, 1975).

GRUPO 4

O Grupo 4, tem como coordenador, o Prof. Doutor João Carlos de Senna-Martinez e é constituído pelas Dr^{as}. Clareana Marques e Joana Resende Gomes este grupo tem como área de trabalho as freguesias de Bornes, Burga, Carrapatas, Castelãos, Cortiços, Grijó, Vale Benfeito e Vilar do Monte.

Os resultados do trabalho de campo da primeira campanha de 2004, foram os seguintes:

3.1. Freguesia de Bornes

3.1.1. Santa Marta/ Bairro do Condado

Lat. 294.7

Long. 449.6

Alt. 700m

Carta militar 1:25 000 N° 77

A aldeia de Bornes situa-se na vertente Norte da serra homónima. Foi no Bairro do Condado, nesta mesma povoação, mais propriamente num local popularmente denominado por eiras de Santa Marta, que surgiram quatro sarcófagos medievais. Esta descoberta deu-se na sequência do lançamento de fundações para a posterior construção de um edifício. O aparecimento destes vestígios levou à execução de trabalhos arqueológicos no local (em 1992).

Dos sarcófagos restam apenas três, pois um terá sido destruído aquando do achado. Estes sarcófagos de arquitectura antropomórfica estão ainda localizados no adro da igreja matriz, como já tinha sido referido pela realocização de 2000 feita pela extensão do IPA de Macedo de Cavaleiros.

Segundo Belarmino Afonso¹ os vestígios correspondem a uma necrópole medieval cuja cronologia rondará sensivelmente o séc. XIII e XIV.

Bibliografia – *Vestígios Arqueológicos do passado, Brigantia*, Outubro – Dezembro de 1990, pp.211 a 214, Bragança;
LE MOS, Francisco de Sande (1993), *Povoamento Romano de Trás-os-Montes oriental*, Braga: Universidade do Minho;

3.2 Freguesia da Burga

Nenhuma jazida identificada até à data.

3.3 Freguesia de Carrapatas

3.3.1 Fraga da Moura/ Vinha Grande

Lat. 295.0

Long. 506.1

Alt. 632m

Carta militar 1:25 000 N° 77

¹ In *vestígios Arqueológicos do Passado/ Brigantia/ 1990*, p. 212

Situa-se no topo de uma colina alargada e de pendentes suaves. Esta fraga é composta por afloramentos xisto-quartzíticos, que forma uma sucessão de abrigos, palas e pequenas plataformas aplanadas. A densa vegetação dificultou-nos o acesso ao local, que com alguma dificuldade pudemos alcançar. Não foi possível, no entanto, localizar quaisquer vestígios de ocupação humana, ainda que pelas favoráveis condições do local esta seja concebível.

Segundo a população foram encontrados no local o que designam por “potes e panelas” e referem ainda a existência de uma gravura em forma de ferradura, que não conseguimos, mesmo após uma atenta procura. O geral conhecimento destes factos tem originado frequentes visitas ao local por parte de grupos curiosos. A isto soma-se ainda a lenda que associava a Fraga dos Mouros ao aparecimento de uma lança de ouro (NETO, 1975, p232).

Encaramos com algumas reservas a hipótese de ter sido este o local do achado das duas alabardas de Carrapatas.

A realização de uma sondagem num dos abrigos poderia revelar a potencialidade deste enigmático sítio.

Bibliografia – ALVES, Francisco Manuel (1975), *Memórias Arqueológico-históricas do Distrito de Bragança*. Tomo II – *Arqueologia, etnografia e arte*. 2ª Ed. Bragança: Escola Tipográfica. Pp.494-495;
NETO, Joaquim Maria (1975), *O leste do território Bracarense*, Torres Vedras, A União;

3.3.2. Achados isolados – Alabardas de Carrapatas

Pouco se sabe à cerca destes dois achados, apenas que terão sido recolhidos na freguesia de Carrapatas e oferecidos ao Museu Martins Sarmiento no final do séc. XIX.

A total ausência de uma localização mais específica destes achados não nos permite associar estes artefactos metálicos a qualquer jazida arqueológica. Contudo, estes muito perfeitos exemplares apresentam semelhanças com as alabardas encontradas na Freguesia de Valbenfeito, no mesmo concelho.

Bibliografia –BARTHOLO, Maria de Lurdes (1959)- *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia*. Alabardas da época do Bronze no Museu Regional de Bragança, vol. I. Instituto de Alta Cultura, Lisboa. pp. 431-441;

Breves observações a propósito das análises espectrográficas de alguns instrumentos metálicos de Idade do Bronze, pertencentes ao Museu Martins Sarmiento, Revista Guimarães, 1960;

3.3.3. Urreta das Mós

Lat. 295.3

Long. 505.4

Alt. 549m

Carta militar 1:25 000 N° 77

Situado na mesma zona do Alto da Madorra, mas numa plataforma de plano inferior. Foi objecto de intervenções devido da construção do IP2. Este sítio não apresentava materiais de superfície aquando da nossa visita ao local e os relatórios de escavação concluem que não há ocupação, pois não foram encontrados vestígios arqueológicos (CARVALHO et al, 1997)

Bibliografia – CARVALHO, Pedro S. et al. (1997), *Em busca do passado 1994/1997, Os habitats pré-históricos do Alto da Madorra e Urreta das Mós*, Junta autónoma de estradas , Lisboa;

3.3.4. Alto da Madorra

Lat. 295.4

Long. 505.5

Alt. 563,2m

Carta militar 1:25 000 N° 77

Trata-se de um povoado aberto com um amplo domínio visual. Localiza-se distribuído pelo topo e encosta sul/sudeste de um pequeno monte. Foi intervencionado no âmbito das obras de construção do IP2. A escavação confirmou a existência de um pequeno habitat, mas as estruturas colocadas a descoberto são vestígias, pois os trabalhos agrícolas causaram muita destruição.

Não foi encontrado qualquer espólio lítico, o espólio recolhido aponta para uma cronologia do Calcolítico e apresenta algum espólio com semelhanças com o Neolítico da região.

Bibliografia – CARVALHO, Pedro S. et al. (1997), *Em busca do passado 1994/1997, Os habitats pré-históricos do Alto da Madorra e Urreta das Mós*, Junta autónoma de estradas , Lisboa;

3.4. Freguesia de Castelãos

3.4.1. Castelo de São Marcos

Lat. 300.9

Long. 505.8

Alt. 621m

Carta militar 1:25 000 N° 78

Esta jazida localiza-se na vertente setentrional da serra de Bornes, acima da aldeia de Castelãos. Trata-se de um morro de onde é possível ter um excelente domínio visual do vale onde se localiza actualmente a cidade de Macedo de Cavaleiros.

Os trabalhos de prospecção revelaram alguns fragmentos cerâmicos inconclusivos do ponto de vista formal, mas que parecem corresponder a uma olaria de fabrico manual à qual é impossível atribuir uma cronologia segura.

Os trabalhos de realocização/ identificação realizados em 2000 pela extensão do IPA de Macedo de Cavaleiros atribuem uma cronologia de Idade do Ferro a este sítio.

Esta hipótese apoiou-se no próprio topónimo da freguesia (Castelãos) e, ou, na referência feita por Abade de Baçal à existência de vestígios de uma fortaleza, no local onde se encontra actualmente implantada a ermida de São Marcos (o que impede um esclarecimento mais seguro.

Bibliografia – ALVES, Francisco Manuel (1975), *Memórias Arqueológico-históricas do Distrito de Bragança*, Tomo II – Arqueologia, etnografia e arte. 2ª Ed. Bragança: Escola Tipográfica. p.156;
LE MOS, Francisco de Sande (1993), *Povoamento Romano de Trás-os-Montes oriental*, Braga: Universidade do Minho;

NETO, Joaquim Maria(1975), *O leste do território Bracarense*, p.233,
Torres Vedras, A União;

3.4.2. Fornos dos Mouros

Na base de dados do IPA (“endovélico”) é referida a existência de gravuras rupestres neste local, contudo, e apesar dos nossos esforços, não foi possível localiza-las devido tanto à densa florestação – que não fornece condições favoráveis a qualquer trabalho de prospecção – como ao facto da população local não identificar o topónimo “Fornos dos Mouros” com a localização que é fornecida pelo IPA, associando antes este topónimo a um pequeno abrigo sobre rocha que dizer servir desde há muito de abrigo aos pastores e nunca referenciando gravura alguma.

Prevê-se para a segunda campanha uma prospecção por toda a área adjacente, a qual se poderá revelar mais frutífera.

A única referência que existe em relação a este local é a feita pelo IPA, aquando de trabalhos de realocização/identificação efectuados em 2003.

3.5. Freguesia dos Cortiços

3.5.1. Achado isolado – machado de Talão de dupla aselha

É desconhecida a proveniência exacta desta peça, contudo, pela sua morfologia este artefacto integra-se no tipo Monteagudo 37c.

Este faria parte do espólio do hoje extinto Museu Municipal de Azuaga de Vila Nova de Gaia.

Bibliografia – *Revista Guimarães*, (1951) *A idade do Bronze atlântico no Sudeste da Europa*;

BARTHOLO, Maria de Lurdes (1959) – *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia*. Alabardas da época do Bronze no Museu Regional de Bragança, Vol. I. Instituto de Alta Cultura, Lisboa. pp. 431-441;

Breves observações a propósito das análises espectrográficas de alguns instrumentos metálicos de Idade do Bronze, pertencentes ao Museu Martins Sarmento, *Revista Guimarães*, 1960;

LOBATO, MARIA José Folgado (1992/1993), *Os machados de bronze da colecção do Museu Municipal de Azuaga, Portugália*, Nova Série – volume XIII-XIV, Faculdade de Letras da Universidade do Porto;

3.5.2. Cramanchão

Lat. 91066098

Long. 206113378

Alt. 477m

Trata-se de uma elevação com limites vincados a Oeste e a Sul, com esta vertente afectada pela construção do caminho-de-ferro e suaves nos restantes pontos. Esta ainda sobranceira à Ribeira do Carvalhal, afluente do Tua, que seria um importante recurso hídrico.

Este sítio foi já alvo de diversas sintetizadas por Sande Lemos (1993b, p.186-187), que menciona inclusive o visível alinhamento de muros é um aparente “povoado romano” que esta agora a ser intervencionado tendo-se já concluído a segunda campanha de escavação. A jazida sofreu ainda algumas violações por parte de populares bem intencionados, que no entanto forneceram todas as informações necessárias.

Bibliografia – LEMOS, Francisco de Sande (1993), *Povoamento Romano de Trás-os-Montes oriental*, Braga: Universidade do Minho;

3.5.3. Ponte de Cernadela

Lat. 291.8

Long. 505.0

Alt. 450m

Esta ponte, que se encontra em bom estado de conservação, fica localizada sobre a ribeira de Carvalhais. A sua arquitectura é de tabuleiro plano, com um arco central de volta perfeita e um outro lateral, de tamanho mais reduzido, que fecha em lintel.

A ponte está datada da Idade Média e as obras de manutenção não parecem ter influenciado a sua traça original, com a excepção de uma tubagem de água que passa na sua fachada exterior e interior.

Bibliografia – LEMOS, Francisco de Sande (1993), *Povoamento Romano de Trás-os-Montes oriental*, Braga: Universidade do Minho;

3.5.4. Olival do Cabo

Lat. 293.4

Long. 505.6

Alt. 481m

Carta militar 1:25 000 N° 77

Este sítio encontra-se ainda cultivado. Trata-se de uma zona aplanada que teria boas condições para uma implantação de tipo *uilla*.

No terreno encontram-se abundantes materiais de construção e cerâmica comum, não sendo visíveis vestígios de estruturas à superfície.

A abundante dispersão de materiais, ainda existentes no local, e o facto de haver referências populares ao aparecimento de mós e de pesos de tear (que tivemos possibilidade de ver) confirma parte das informações fornecidas pelo IPA. Não detectamos, no entanto, vestígios de *opus signinum* ou de *tesselas*, como era referido.

Este sítio com uma implantação nitidamente favorável a uma estratégia de exploração agrícola apresenta claras semelhanças com a jazida do Cramanchão, situada na mesma freguesia.

O facto do IPA referir o aparecimento de *tesselas* no sítio do Olival do Cabo leva-nos a crer que estamos perante um sítio de habitat que poderia ter uma maior relevância na economia local durante o período de ocupação romana.

Para este sítio não à bibliografia disponível, será provavelmente inédito à relocalização/identificação do IPA de 2001.

3.6. Grijó

3.6.1. Madorra/Estação de Grijó

Lat. 295.9

Long. 505.2

Alt. 540m

Carta militar 1:25 000 N° 77

Sítio arqueológico de época romana que, segundo a bibliografia apresenta uma dispersão pouco extensa de tegulas e cerâmica e que se situaria nas proximidades da estação de caminhos-de-ferro de Grijó, na vertente meridional do cabeço da Madorra.

A localização apontada para esta jazida encontra-se ocupada por um olival e em prospecção na mesma, recolheu-se apenas vestígios cerâmicos de época mais recente.

Levanta-se a hipótese do sítio ter sido destruído pelas obras do IP2; no entanto, a Madorra não foi referida nos trabalhos arqueológicos de acompanhamento da obra. As coordenadas fornecidas por Sande Lemos colocam a jazida ao lado da obra e o topónimo local também.

Bibliografia – ALVES, Francisco Manuel (1975), *Memórias Arqueológico-históricas do Distrito de Bragança*. Tomo II – *Arqueologia, etnografia e arte*. 2ª Ed. Bragança: Escola Tipográfica. Pp.494-495;
CARVALHO, Pedro S. et al. (1997), *Em busca do passado 1994/1997, Os habitats pré-históricos do Alto da Madorra e Urreta das Mós*, Junta autónoma de estradas, Lisboa;

3.6.2. Achado isolado – estela funerária

Inscrição funerária romana que se encontra embutida numa parede interior de uma das antigas casas da família Sá Miranda, na aldeia de Grijó.

A sua origem é desconhecida.

Apenas parte da sua decoração é visível, trata-se de uma roda de raios curvos. O campo epigráfico está totalmente conservado e lê-se: "BOVTIA/BOVTI/FILIA A/NORVM/=/=/XX [ALVES, 1934b; p.445].

Não nos foi possível contactar directamente com o monumento por impossibilidade do proprietário, contudo ficou agendada uma visita para a próxima campanha.

Bibliografia – ALVES, Francisco Manuel (1975), *Memórias Arqueológico-históricas do Distrito de Bragança*. Tomo II – *Arqueologia, etnografia e arte*. 2ª Ed. Bragança: Escola Tipográfica. Pp.494-495;

3.7. Valbenfeito

3.7.1. Lagares

Lat. 295.2

Long. 502.5

Alt. 650m

Carta militar 1:25 000 N° 77.

Há para este local referências de Abade de Baçal ao aparecimento de algumas cistas ou sepulturas, que teriam aparecido em vezes diferentes durante os trabalhos agrícolas e que tinham sido destruídas, não havendo quaisquer vestígios. De acordo com a descrição eram compostas, pelo menos a primeira, por três lajes – uma de cabeceira e duas laterais.

O espólio mencionado é de algumas cerâmicas e de um anel em espiral, de três voltas, contudo desconhece-se o paradeiro destes materiais.

Como já foi constatado pelos trabalhos de realocização/identificação de 2001 do IPA de Macedo de Cavaleiros a situação é idêntica. O terreno continua ocupado por cultivos e não há memória popular do achado se não de alusões pouco concretas do aparecimento “para mais de 100 anos” de “coisas”, entre elas “minério”.

As lajes de xisto de diferentes tamanhos continuam presentes, assim como um bloco granítico, que não se enquadra na geologia local.

Bibliografia – ALVES, Francisco Manuel (1975), *Memórias Arqueológico-históricas do Distrito de Bragança*. Tomo II – *Arqueologia, etnografia e arte*. 2ª Ed. Bragança: Escola Tipográfica. Pp.494-495;

NETO, Joaquim Maria (1975), *O leste do território Bracarense*, p.233, Torres Vedras, A União;

3.7.2. Achado isolado – alabardas

O contexto do aparecimento das Alabardas é desconhecido, segundo o descrito, “na serra de Bornes, a confinar com o termo de Valbenfeito, aparecem enterrados, ao lavrar a terra, quatro punhais de cobre ou bronze (...). As lâminas, perfeitamente polidas e afiadas como navalhas, apresentam na base três orifícios (...)” (ALVES, 1975).

Estas alabardas de cobre arsenical aparecem a relativa proximidade das alabardas de Carrapatas.

Bibliografia – BARTHOLO, Maria de Lurdes (1959) – *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia*. Alabardas da época do Bronze no Museu Regional de Bragança, vol. I. Instituto de Alta Cultura, Lisboa. pp. 431-441;

Breves observações a propósito das análises espectrográficas de alguns instrumentos metálicos de Idade do Bronze, pertencentes ao Museu Martins Sarmiento, Revista Guimarães, 1960;

3.7.3. Achado isolado – elemento escultórico

No mesmo edifício em que se situa um dos cafés da freguesia, encontra-se embutido um cachorro, com figura humana de uma cara masculina, na parede de umas escadas que dão acesso a uma casa privada.

É provável que este elemento arquitectónico tenha pertencido a uma antiga igreja de cronologia medieval, que terá entretanto sido destruída. Os habitantes locais referem ainda a existência de um outro cachorro, mas de fisionomia feminina, cujo paradeiro se desconhece.

Para este sítio não à bibliografia disponível, será provavelmente inédito à relocalização/identificação do IPA de 2001.



3.7.4. Calveiro

Carta militar 1:25000: N° 77

Lat.292.0

Long. 503.0

Alt. 640m

A prospecção neste local revelou-se praticamente infrutífera, tendo sido recolhidos apenas alguns fragmentos de reduzidas dimensões que não permitem uma cronologia concreta.

Esta situação vem confirmar o que já havia sido anteriormente constatado pelos vários trabalhos efectuados e leva a crer que as estruturas a que se refere Abade de Baçal, a existirem terão sido já destruídas por antigos trabalhos de lavoura.

Bibliografia – LEMOS, Francisco de Sande (1993), *Povoamento Romano de Trás-os-Montes oriental*, Braga: Universidade do Minho;
ALVES, Francisco Manuel (1975), *Memórias Arqueológico-históricas do Distrito de Bragança*. Tomo II – *Arqueologia, etnografia e arte*. 2ª Ed. Bragança: Escola Tipográfica. Pp.494-495;

3.7.5. Fonte do Prado

Fonte de mergulho que se localiza no centro da vila. Sofreu recentemente profundas obras de consolidação, que segundo os populares não terão afectado

muito a sua traça. Não foi possível, no entanto, localizar as covinhas e sulcos que guarneceriam o tecto desta fonte, podendo estes ter sido alvo de alguma acção de restauro.

O actual estado de conservação não nos permite defender uma cronologia segura, sendo provavelmente uma construção de época Medieval ou Moderna.



3.7.6.Lameirinho

Lat. 295.4

Long. 503.5

Alt. 646

Carta militar 1:25 000 N° 77

Termo em granito com decorações cruciformes e circulares que separou, segundo populares e o IPA, os termos de Grijó. Actualmente este monumento apresenta-se deslocado, possivelmente na sequência da construção do IP2. a população refere a existência de um outro monumento de semelhantes características que terá desaparecido.

Não há referências bibliográficas para este termo.



3.7.7. Mourel

Topónimo localizado numa zona aplanada, de terrenos férteis e na proximidade de cursos de água, no qual o Abade de Baçal afirma ter recolhido um fragmento de tegula.

Há referências à existência de uma pequena povoação neste local que estaria extinta no séc. XVIII.

Em visita ao local, não nos deparamos, tal como Pedro Sobral de Carvalho, José Paulo Francisco, Luís Filipe Gomes e Inês Teles Botelho, com qualquer tipo de vestígio arqueológico, excepto uma antiga habitação que consistia apenas de algumas paredes com uma delas com cerca de 2m de altura e as restantes já mais degradadas. Não é possível, no entanto, falar de uma povoação, nem considerar esta habitação como pertencente às referidas por Abade de Baçal, pois a prospecção tenha sido dificultada pela densa vegetação local e não se encontrou qualquer outro vestígio.

Bibliografia – CARVALHO, Pedro S. et al. (1997), *Em busca do passado 1994/1997, Os habitats pré-históricos do Alto da Madorra e Urreta das Mós*, Junta autónoma de estradas, Lisboa;

3.7.8. Meda

Estação arqueológica de época romana implantada numa encosta de vertentes suaves, sobre o regato de Roubães, próxima da confluência deste com a ribeira da Meda e apresenta terras muito férteis.

Os abundantes vestígios arqueológicos dispersam-se por uma área de cerca de 32 500 m² e consistem em grandes quantidades de tegulas e de cerâmica comum, escória de ferro, mós circulares, machados de pedra polida, um pequeno vaso de inteiro de cerâmica comum e pesos de tear.

O proprietário do terreno conserva na sua residência, em Grijó, grande parte do espólio referido (alguns em forma de escultura), ainda que haja um grande número de materiais arqueológicos no terreno.

Houve igualmente uma referência ao aparecimento de uma moeda supostamente de cronologia de Tibério, contudo o proprietário não nos permitiu vê-la.

Uma recente plantação de vinha na propriedade colocou a descoberto uma grande quantidade de materiais arqueológicos e um grande número de pedras, de consideráveis dimensões, à superfície fez-nos alertar o IPA para a continuada destruição deste aparentemente riquíssimo sítio, pois o proprietário afirmava “se não fizer lavras profundas também não sai nada”.

A riqueza e quantidade de vestígios deste levam-nos a crer que estaremos perante um sítio de alguma relevância sendo com toda a probabilidade uma unidade de exploração agro-pecuária.



3.8. Vilar do Monte

3.8.1. Fraga dos Corvos

Este é mais um sítio que está a ser estudado com o apoio da Associação “Terras Quentes”. É um sítio de habitat da Idade do Bronze, onde apareceram em sondagens buracos de poste que delimita estruturas de forma circular. O espólio é composto por cerâmica manual (que inclui formas globulares) com motivos decorativos de inspiração campaniforme e cogesses.

GRUPO 5

Este grupo é coordenado pelo Mestre Carlos Mendes e é constituído pela Dr. Olga Antunes e a estudante finalista na licenciatura em Arqueologia e História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Tem como área de trabalho as freguesias de Bagueixe, Chacim, Olmos, Salselas, Vale da Porca e Vinhas, apresentando os seguintes resultados resultantes da primeira campanha de 2004.

Freguesia de Chacim

Na Freguesia de Chacim, realizou-se as duas pontes medievais – Paradinha e Bairrinho – e, no lugar de Balsamão, os povoados fortificados da Idade do Ferro denominados Castelo de Balsamão e Castelucho de Balsamão. Apresentamos, igualmente, dois moinhos que funcionaram até à contemporaneidade.

Ponte da Paradinha

A Ponte da Paradinha é uma ponte em xisto sobre o Rio Azibo, datada da Idade Média, que possui um tabuleiro plano assente sobre três arcos de volta perfeita (fotografias 68 e 69), sendo o central o maior e os laterais mais pequenos. O seu pavimento é de terra batida. Localiza-se no caminho entre Chacim e Paradinha.



Ponte da Paradinha

Ponte do Bairrinho

Esta é uma pequena ponte de alvenaria em xisto sobre a Ribeira de Chacim, que se situa ao lado do Real Filatório, com possível origem medieval (fotografia 40). Tem um só arco de volta perfeita, diferenciando-se da primeira, com um tabuleiro plano. O seu pavimento é empedrado.

Moinho 1

De cronologia moderna / contemporânea, situa-se na margem esquerda da Ribeira de Chacim, tendo usado a energia hidráulica para a moagem de cereais. Encontra-se em acentuado estado de degradação, embora tenha deixado de ser utilizado já no século XX, informação dada pela população local da faixa etária dos 70 anos. De consideráveis dimensões, apresenta ainda *in situ* partes das 4 paredes e do telhado. No seu interior encontram-se vestígios das suas antigas funções, como mós e rodas (fotografia 41).

A sua acessibilidade é difícil, traduzindo-se num caminho de pé posto que se inicia na Ponte de Chacim e que conduz à Barragem de Chacim.

Moinho 2

Igualmente situado na margem esquerda da ribeira de Chacim, este moinho encontra-se próximo ao moinho 1, tendo ambos a mesma cronologia. De menores dimensões que o primeiro, encontra-se em igual estado de degradação, tendo como vestígio apenas uma das paredes (fotografia 44). Encontra-se coberto por densa vegetação. É igualmente um

moinho cerealífero, cujo interior foi aproveitado para a construção de uma bomba de água.

A sua acessibilidade é por um Caminho de pé posto que parte da Ponte de Chacim em direcção à Barragem de Chacim, passando pela fonte do Gricho e pelo Moinho 1.

Castelo de Balsamão

Este povoado fortificado situa-se no cume de um esporão sobranceiro ao rio Azibo, tendo óptimas condições naturais de defesa. Possui um grande domínio visual da paisagem envolvente. O actual convento de Balsamão assenta sobre este povoado fortificado da Idade do Ferro, a comprova-lo estão troços de uma antiga muralha que deveria rodear todo o cume (fotografia 67,70,131,132,135).

Aquando a construção do actual convento, em 1954, encontraram-se túmulos com esqueletos e moedas datadas do período romano.

Existem no cume restos de um castelo medieval e troços de muralhas e torres que devem remontar à época medieval. Parte delas foram reconstruídas recentemente. Para esta cronologia aponta a data de 1212 encontrada no local e também a lenda que está associada a este local. Deste modo, a sua cronologia vai da Idade do Ferro até à Época Medieval.

Esta área é agora propriedade privada dos irmãos Marianos.

A sua acessibilidade é feita pela estrada municipal "João Segundo", que liga Chacim com as povoações de Paradinha de Besteiros.



Torre reconstruída - Balsemão

Castelucho de Balsamão

Povoado fortificado da Idade do Ferro, situa-se num esporão, de baixa altitude, a Leste do monte onde se implanta o Castelo e Convento de Balsamão. Apesar de ter boas condições naturais e artificiais de defesa tem um fraco controlo estratégico da paisagem envolvente (fotografia 134). São visíveis em todo o local vestígios das muralhas de xisto que circundavam o povoado, bem como um forte torreão circular. O que corresponderia ao interior do povoado está intensamente ocupado por vegetação.

Freguesia dos Olmos

Na Freguesia de Olmos, realocizou-se o povoado fortificado da Terronha e, no Lugar de Malta, a Capela da Fraga do Santo e o Marro 1 de Malta.

Povoado Fortificado da Terronha

Situa-se num esporão com óptimas condições de defesa naturais, com um grande domínio visual da paisagem envolvente (fotografia 121). De médias dimensões, era defendido por uma linha de muralha de xisto (fotografia 120), da qual hoje restam poucos vestígios, já que muitas das pedras desta muralha foram reutilizadas em construções mais recentes. No interior desta muralha, não se encontrou quaisquer

vestígios estruturais. No entanto foram recolhidas algumas cerâmicas aquando da prospecção, que sofrerão, posteriormente, uma análise mais cuidada.

Capela da Fraga do Santo

Num local sobranceiro à aldeia de Malta, bastante elevado e de difícil acesso, localiza-se uma antiga ermida (fotografia 50). Desta estrutura quadrangular de pequenas dimensões ainda são visíveis os alicerces, e é também possível identificar a porta de entrada (fotografias 49). Não foi possível identificar ainda o seu período cronológico.



Marro 1 de Malta

Sobranceiro a um caminho de terra batida que liga Chacim a Malta, encontra-se este marco medieval que tem esculpido em ambas as faces a Cruz de Malta. Numa das faces encontra-se gravada em baixo relevo (fotografia 125), enquanto que na outra está esculpida em alto-relevo (fotografias 122 e 123).

NOTA: Há um segundo Marco de Malta, que se encontra actualmente no Museu Abade Baçal em Bragança.

Igreja de Malta

Também foram realizadas prospecção e recolha de informação oral junto da população anosa relativamente ao facto de existir uma necrópole sob a actual Igreja de Malta.

Apesar de até se encontrar um sarcófago, com a sua tampa, em pedra no lado esquerdo da porta principal da Igreja (fotografia 7), nada aponta para a existência de uma necrópole, facto ao qual nada ajudou as sucessivas remodelações da Igreja. O sarcófago apenas ajuda a atestar a sua antiguidade, juntamente com a cruz da ordem de Malta esculpida em granito (fotografia 10), no lado direito da porta principal, por cima de uma pequena cabeça à qual chamam o Maltês.

Ara Votiva ao Deus AERNOS

É importante referir a existência de uma Ara Votiva ao deus Aernos, descoberta no adro da Igreja de Malta. Actualmente, encontra-se no Museu Abade Baçal em Bragança. É uma lápide de mármore branco com as dimensões de 98x34x31 cm, que apresenta a inscrição DEO / [A] ERNO / LVCR / VALENS / EX / VOTO

Freguesia de Salselas

Na Freguesia de Salselas realizou-se o Povoado Fortificado da Fraga do Castelo, descobrindo-se, junto a este, um abrigo ao qual a prospecção será efectuada no próximo ano de trabalhos.

Igreja de Limãos

Aquando a prospecção, não se encontrou nenhum vestígio que induzisse a presença de uma necrópole. A única informação de que dispomos é oral. A população mais idosa relatou que, quando, há poucos anos, o chão da Igreja foi restaurado, se lembram de ver “caixões”.

Povoado Fortificado da Fraga do Castelo

Localiza-se na margem esquerda do Rio Azibo, num relevo em esporão. A sua altitude é significativamente menor quando comparada com a área envolvente, o que lhe confere uma posição estratégica muito débil. Tal não se aplica aos sectores Sul e Oeste, arribas com altura superior a 20 mas, que nada precisam de muralhas, já que são inacessíveis. É a Este e Norte que se desenvolve uma única linha de muralha, em xisto, ainda bem visível, podendo ter-se estendido um pouco pela vertente do sector Oeste. É possível

que esta estrutura tenha sido reforçada por dois torreões, que se localizariam a Norte, conforme indiciam alguns vestígios no local. Neste colo de acesso, no exterior e em frente à muralha, localiza-se um campo de pedras fincadas, mal conservado. No interior do recinto encontra-se hoje um olival, onde se detectou grandes quantidades de fragmentos de cerâmica manual de tipo comum, atribuível à Idade do Ferro, telha de meia cana e um percutor, que provavelmente será oriundo de um abrigo que se localiza na arriba, junto ao recinto amuralhado, e de difícil acesso.

Freguesia de Vale da Porca

Na Freguesia de Vale da Porca realocalizaram-se as pontes de Vale da Porca e de Benrezes, assim como o povoado com o mesmo nome; e avança-se com a identificação de dois moinhos e três fornos de cal.

Ponte de Vale da Porca

É uma ponte em alvenaria de xisto, datada de época Medieval/ Moderna, com uma extensão de 35m e uma largura de 4m, que se encontra sobre o Rio Azibo. Possui um tabuleiro em cavalete, o qual assenta sobre três arcos de volta perfeita, sendo o central maior do que os dois laterais (fotografia 53). O pavimento apresenta ainda alguns vestígios de empedrado, mas é composto, sobretudo por terra batida.

A sua acessibilidade faz-se pela EN 216, em direcção a Mogadouro; ao km 11, à esquerda, por EM em direcção a Limãos e logo a seguir novamente à esquerda até Vale da Porca.

Ponte de Benrezes

Situa-se no sopé norte do monte da Terronha, sendo a sua acessibilidade pela EN 216 (Macedo Cavaleiros - Mogadouro), km 14, um pouco antes de Olmos, seguindo-se um caminho de terra para Benrezes.

Ponte, sobre o Rio Azibo, de tabuleiro horizontal sobre um único arco de volta perfeita (fotografias 5 e 6). O aparelho é de blocos irregulares de xisto e o pavimento de calçada.

Povoado de Benrezes

Deste povoado restam apenas as ruínas do que foi, outrora, uma estrutura urbanizada (fotografia 4). Entre elas distingue-se uma Igreja medieval e um moinho de água, que denota a existência de produção local. Este povoado foi abandonado em princípios do século XX devido a uma epidemia de Tifo, e as suas origens poderão ir para além da medievalidade, remontando a uma ocupação iniciada no período romano, já que as condições naturais do local são excelentes, o solo tem imensa potencialidade agrícola e não se pode esquecer a sua proximidade ao povoado fortificado da Terronha.

Moinho 1

Situando-se na margem esquerda do Rio Azibo, é um moinho cerealífero de grandes dimensões que apresenta vestígios bem conservados, apesar da abundante vegetação que o envolve (fotografia 139). As estruturas da habitação do proprietário, incluindo o telhado, e várias estruturas de alicerces de compartimentos associados, entre eles, um destinado a acolher animais, ainda se encontram visíveis (fotografias 137 e 138). Nos arredores deste moinho foi encontrada uma pedra gravada por mão humana (fotografia 140) com vários “riscos” em várias direcções, cujo significado se desconhece.

Foi abandonado já no século XX.

Moinho 2

Trata-se de um moinho cerealífero de pequenas dimensões bastante degradado (fotografia 147), sem qualquer vestígio da sua actividade. São visíveis dois arcos de volta perfeita (fotografia 145) por onde saíria a água destinada ao funcionamento do moinho.

Caleiro 1

Forno de cal situado na berma esquerda da estrada que dá acesso à ponte de Vale da Porca, encontrando-se em grande estado de degradação e escondido pela vegetação (fotografia 54).

Caleiro 2

Trata-se de um antigo forno de cal, bem conservado, com uma estrutura semi-circular, que se encontra na berma direita da estrada que dá acesso à Ponte de Vale da Porca, a 50m desta última (fotografia 51 e 52).

Caleiro 3

Na margem sul do rio Azibo, é um forno bem preservado devido ao recente abandono cerca de 20-30 anos, apesar da vegetação se que vai apoderando destas estruturas. São visíveis as estruturas circulares e as chaminés dos fornos de cozedura, bem como os arcos de volta perfeita onde era inserido a matéria-prima (fotografias 57 e 58). O produto final desta acção ainda se conserva nas proximidades em grande quantidade (fotografia 55). As estruturas (paredes e telhado) das divisões associadas também ainda se encontram em bom estado de conservação. (fotografia 56).



Freguesia de Vinhas

Na aldeia de Vinhas, realizou-se a relocalização dos pediformes junto ao santuário de São Gregório. Ao analisar os afloramentos em redor, descobriram-se gravuras rupestres.

São Gregório - Arte Rupestre

Procedemos à relocalização do que está classificado como “par de pegadas”, ainda bem visíveis (fotografias 72 e 109), mas sem a devida localização e a imprescindível acção

de protecção e conservação, não tendo ainda sido objecto de qualquer estudo. A única coisa que impede a sua destruição é a forte crença da população local em que aquelas são as pegadas de “Nosso Senhor” quando subiu ao céu.

Ao nos apercebermos que nos encontrávamos perante um afloramento rochoso, e lembrando-nos da arte rupestre já encontrada no lugar do Cabeço da Anta, bastou-nos retirar um pouco do musgo que envolvia os afloramentos em redor dos podiformes para concluirmos que todos tinham arte rupestre (fotografais 61-64, 73-76, 91-108), com gravuras filiformes em xisto com patine.

Avançamos assim com a divulgação de um novo sítio arqueológico, onde temos arte rupestre em afloramento, contextualizada com aquilo que se pensava ser um vestígio isolado. Avançamos igualmente com a hipótese destes podiformes remontarem à Idade do Bronze, já que os pediformes são próprios desta época e as “novas” gravuras, como estão presentes no mesmo afloramento rochoso, encontram-se contextualizadas com aqueles. Ambos os vestígios se localizam a Este do Santuário de São Gregório, onde é igualmente visível uma estrutura quadrangular que seria o antigo coreto. Em frente ao santuário está uma pedra colocada ao alto com gravuras rupestres. Do lado Oeste está uma estrutura circular onde a crença popular diz estar uma sepultura com o corpo de “Nosso Senhor”, mas nenhum tipo de vestígio foi encontrado. É também visível uma estrutura quadrangular, onde seria o “hortinho”, uma horta cultivada para “Nosso Senhor”.



Arte rupestre esquemática, S. Gregório Vinhas

GRUPO 6

Este grupo é coordenado pelo Dr. Helder Carvalho e é constituído pela Dr^{as}. Andreia Carvalho, Cíntia Maurício e Nídia Santos estudante finalista na licenciatura em Arqueologia e História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Tem como área de trabalho as freguesias de Lagoa, Morais, Peredo, Talhas e Talhinhas, apresentando os seguintes resultados provenientes da primeira campanha de 2004.

Assim:

Freguesia de Lagoa

1. Fraga do Castelo

Freguesia: Lagoa

CMP: Folha 93

Tipo de sítio: Povoado

Fortificado

Cronologia: Possivelmente

Idade do Ferro

Coordenadas: 41° 25' 37" N
6° 45' 13" W

Descrição: O povoado localiza-se a cerca de 2,4 km a SSE da povoação de Lagoa, na margem direita do rio Sabor, na extremidade de um esporão sobranceiro ao rio, atingindo no seu topo a altitude máxima de 468 metros (Cf. Figura 1). Apresenta excelentes condições naturais de defesa, especialmente dos seus lados Leste e Sul, onde cai em falésia sobre o vale do rio (Cf. Fotos 1 e 2) e proporciona

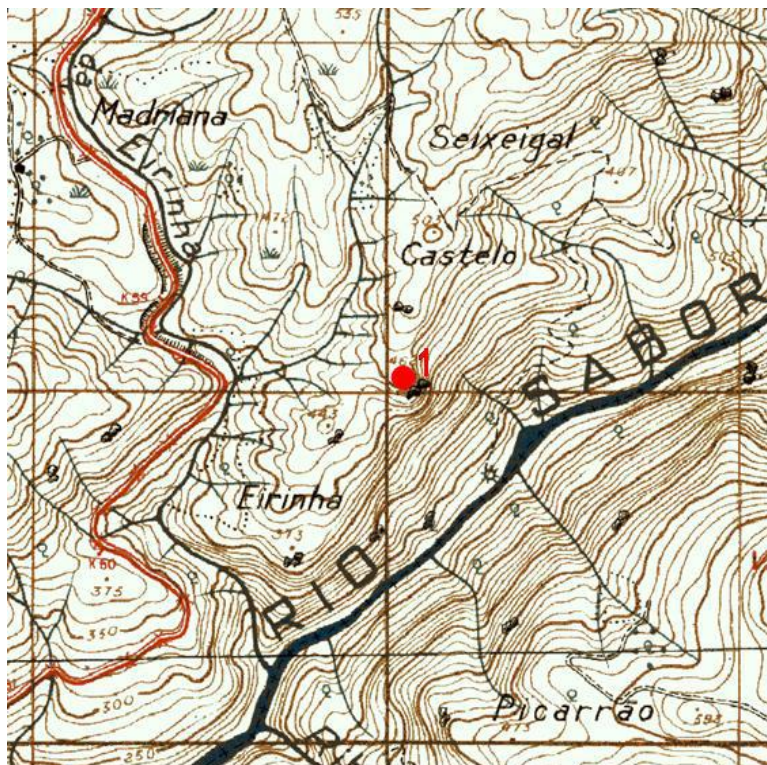


Figura 1 – Localização da Fraga do Castelo na CMP 1/25000, Folha 93.

um excelente controlo estratégico sobre um extenso troço do rio Sabor (Cf. Foto 3).

O acesso é relativamente fácil pelo seu lado norte, facto pelo qual foi instalado nessa área um sistema defensivo constituído por muralhas e um ou dois torreões, sendo observáveis os seus derrubes (Cf. Fotos 4, 5, 6 e 7).

No lado sul, junto à falésia, na área mais baixa do esporão encontra-se uma plataforma em ligeiro declive onde se recuperou a maior parte do espólio (Cf. Foto 8).

Na falésia, junto ao lado Oeste do esporão, os espaços livres entre as rochas foram preenchidos por blocos de pedra de médias dimensões como forma de nivelamento do terreno para obtenção de uma plataforma (Cf. Foto 9).

Espólio Recolhido: Vários fragmentos de cerâmica, entre os quais dois fragmentos de bordos (Cf. Foto 10) e um fragmento de fundo de recipiente de grandes dimensões (Cf. Foto 11).

Recolheu-se também um fragmento de mó manual em granito (Cf. Foto 12) e escória (Cf. Foto 13).

Bibliografia: ALVES, 1934: 145 e 570; LEMOS 1993: 189-190; NETO, 1975:236-237; SILVA 1986: 99.

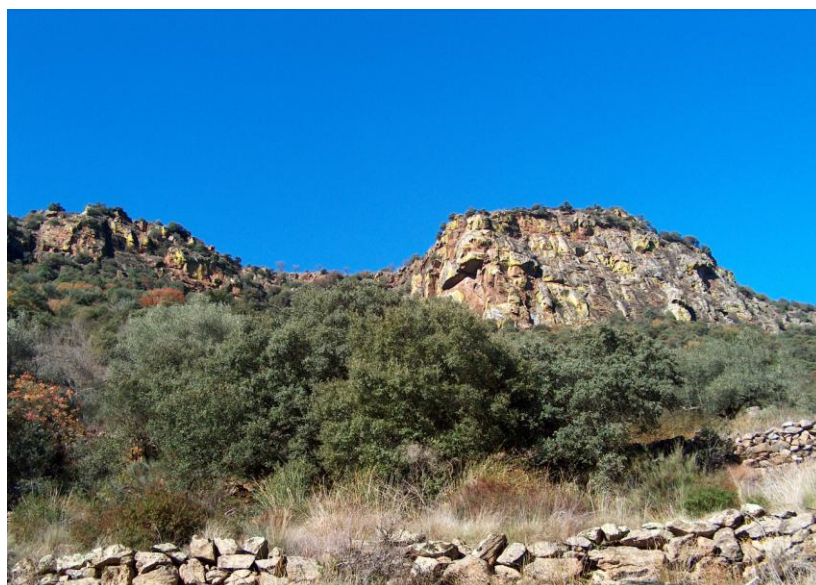


Foto 1 – Fraga do Castelo - Vista do esporão da Fraga do Castelo a partir da margem do Rio Sabor.

2. Vale de Noveia

Freguesia: Lagoa

CMP: Folha 93

Tipo de sítio: Habitat

Cronologia: Romano

Coordenadas: 41° 27' 18'' N
6° 45' 13'' W

Descrição: Vale de Noveia localiza-se numa encosta suave virada a Norte (Cf. Foto 14), numa área planáltica cerca de 1,5 km a NE da povoação de Lagoa. (Cf. Figura 2). A área onde se implanta o sítio arqueológico tem uma intensa ocupação agrícola, encontrando-se lavrados grande parte dos terrenos (Cf. Fotos 14, 15 e 16). Este facto facilitou a tarefa de prospecção sendo possível verificar a grande

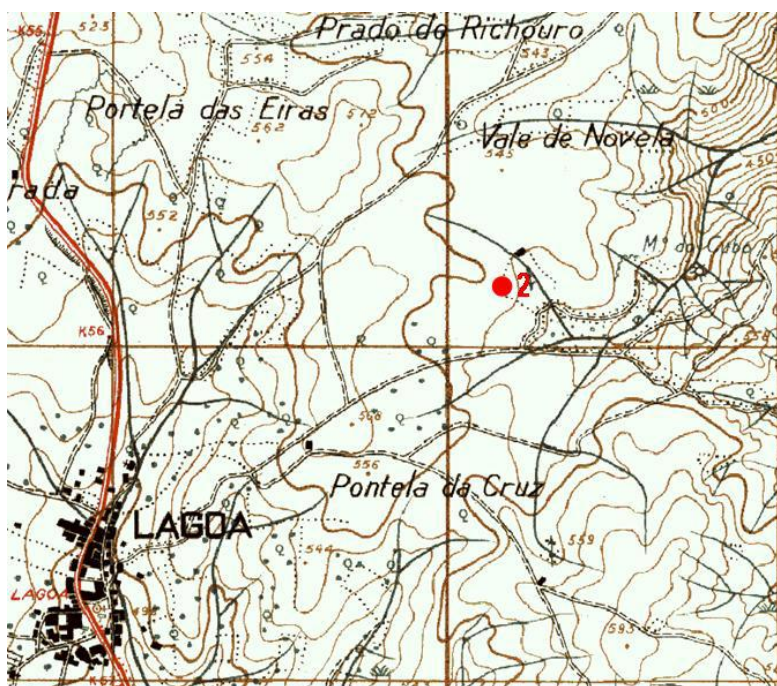


Figura 2 – Localização de Vale de Noveia na CMP 1/25000, Folha 93.

quantidade de materiais existentes à superfície que se espalham por uma área ampla. São abundantes os fragmentos de material de construção, entre os quais se incluem *imbrices* e *tegulae*, permitindo estas últimas, aliados a um fragmento de bojo de *terra sigillata* hispânica tardia confirmar a presença romana neste local. São também abundantes os fragmentos de cerâmica comum, sobretudo de recipientes de grandes dimensões (*dolia*).

Espólio Recolhido: Dois pesos de tear (Cf. Foto 17). Um fragmento de bojo de *terra sigillata* hispânica tardia, vários fragmentos de cerâmica comum, entre os quais vários fragmentos de bordos (Cf. Foto 18), um fragmento de bordo com arranque de asa (Cf. Foto 19), um fragmento de testo com pega (Cf. Foto 20), dois fragmentos de asa (Cf. Foto 21) e dois fragmentos de fundos de recipientes de grandes dimensões (*dolia*). Recolheram-se também três fragmentos de *tegulae*, escória (Cf. Foto 22) e dois fragmentos de mós manuais em granito (Cf. Fotos 23 e 24).

Bibliografia: ALARCÃO, 1988: 42; LEMOS, 1993:190



Foto 14 – Vale de Noveia – Vista geral de Nordeste.

3. Cabeço da Paixão

Freguesia: Morais

CMP: Folha 79

Tipo de sítio: Povoado Fortificado

Cronologia: Possivelmente Idade do Ferro

Coordenadas: 41° 30' 41" N
6° 46' 23" W

Descrição: O Cabeço da Paixão localiza-se a cerca de 2,2 km a Norte da povoação de Morais. O cabeço é o ponto mais alto do planalto de Morais, com uma altitude de 771 metros (Cf. Figura 3), possuindo um excelente

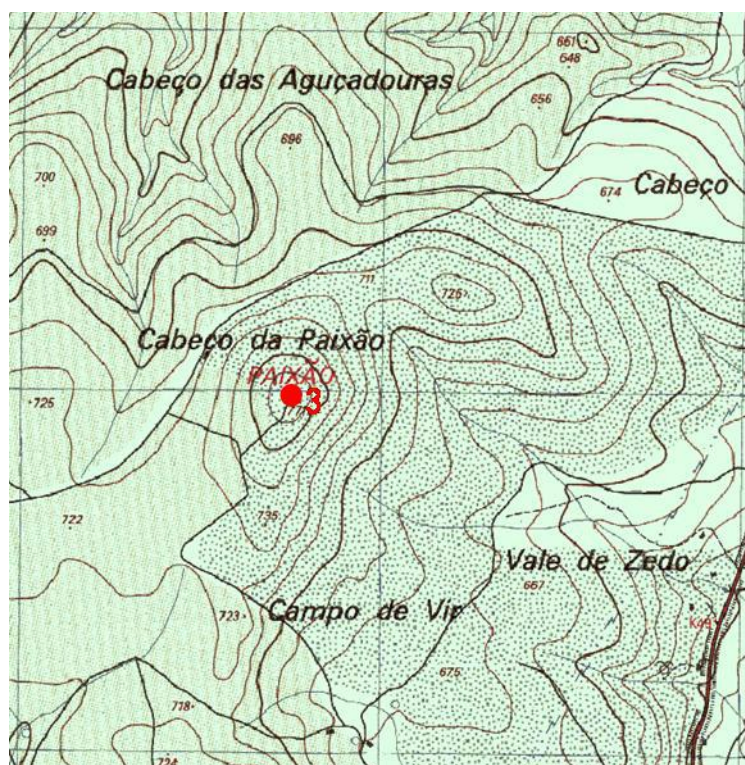


Figura 3 – Localização do Cabeço da Paixão na CMP 1/25000, Folha 79.

domínio visual sobre toda a área envolvente (Cf. Fotos 25 e 26).

São visíveis vestígios de uma estrutura semi-circular em xisto, com derrubes ao longo da encosta.

O facto de a área se encontrar coberta por vegetação espessa não permitiu uma melhor observação do local.

Espólio Recolhido: Não foi recolhido qualquer espólio.

Bibliografia: LEMOS 1993: 192; NETO, 1975:238.

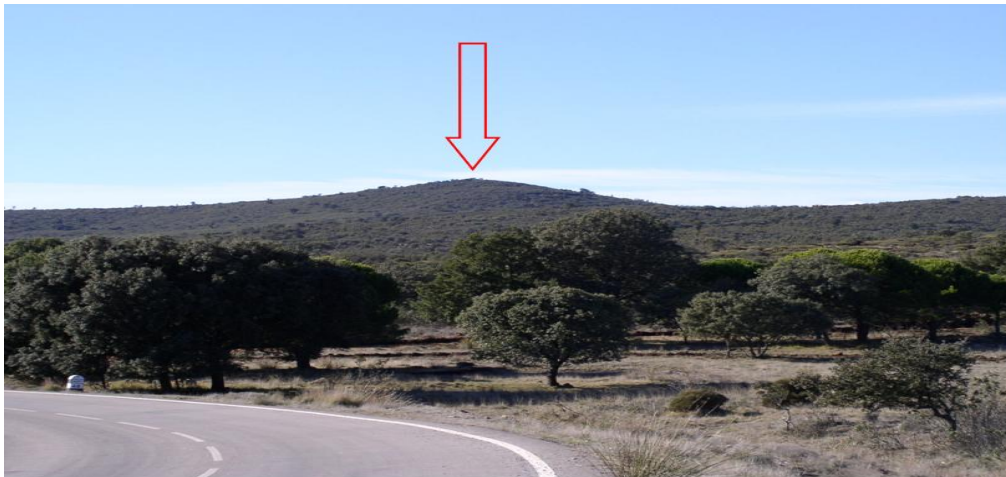


Foto 25 – Cabeço da Paixão – Vista geral do lado Leste.

4. Espondra

Freguesia: Morais

CMP: Folha 79

Tipo de sítio: Povoado Fortificado

Cronologia: Calcolítico/Idade do Bronze/Idade do Ferro

Coordenadas: 41° 28' 34'' N
6° 44' 30'' W

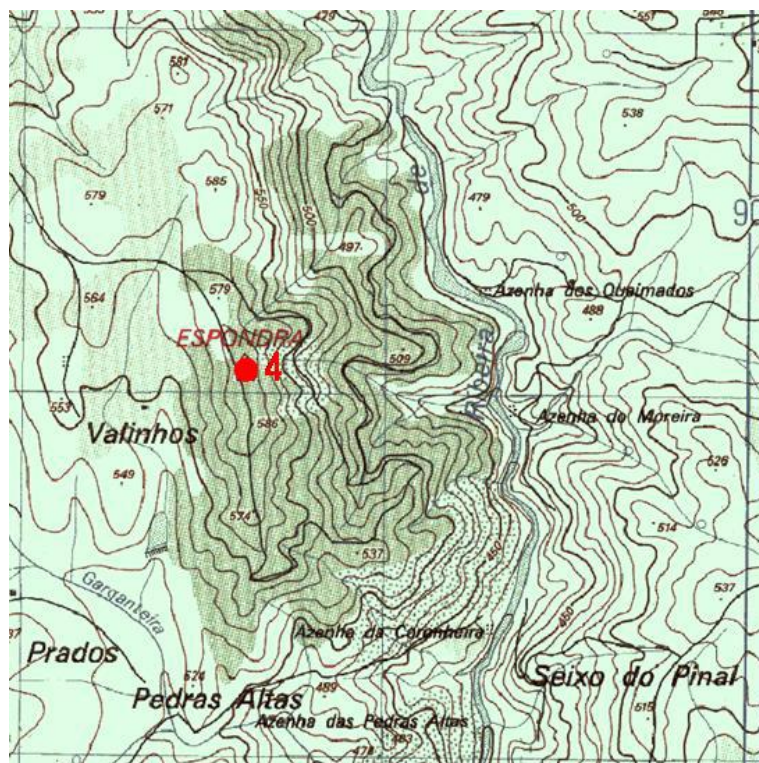


Figura 4 – Localização da Espondra na CMP 1/25000, Folha 79.

Descrição: O arqueosítio da Espondra localiza-se numa elevação de forma alongada, com uma altitude máxima de 585 m, a cerca de 3,3 km a SE da povoação de Morais, na margem direita da Ribeira de Vale de Moinhos (Cf. Figura 4).

Não apresenta grandes condições naturais de defesa, sendo facilmente acessível, excepto nos seus lados Sul e Leste, onde a vertente é mais abrupta. O local apresenta no entanto um bom domínio estratégico sobre uma vasta área (Cf. Foto 28).

O topo da elevação encontra-se com bastante vegetação (Cf. Foto 27), o que dificultou a prospecção nessa área, no entanto numa série de plataformas artificiais localizadas abaixo do caminho que corre ao longo do topo da elevação pelo lado Leste (Cf. Foto 29), são visíveis à superfície do terreno fragmentos de cerâmica e outros materiais, tendo sido recolhido algum espólio. Na berma desse mesmo caminho, junto ao marco geodésico foi recuperado o fragmento de mó manual apresentado na Foto 32.

Espólio Recolhido: Vários fragmentos de cerâmica, entre os quais vários bordos (Cf. Fotos 30 e 31), um fragmento de mó manual (Cf. Foto 32) e um fragmento de mó manual em granito (Cf. Foto 33).



Foto 27 – Espondra – Vista geral para Sul.

5. Senhora do Monte

Freguesia: Morais

CMP: Folha 79

Tipo de sítio: Igreja/Povoado?

Cronologia: Medieval/Moderno

Coordenadas: 41° 28' 54'' N

6° 46' 04'' W

Descrição: A cerca de 1,4 km a SE da povoação de Morais, no lado esquerdo da estrada que liga esta povoação a Lagoa, localizam-se as

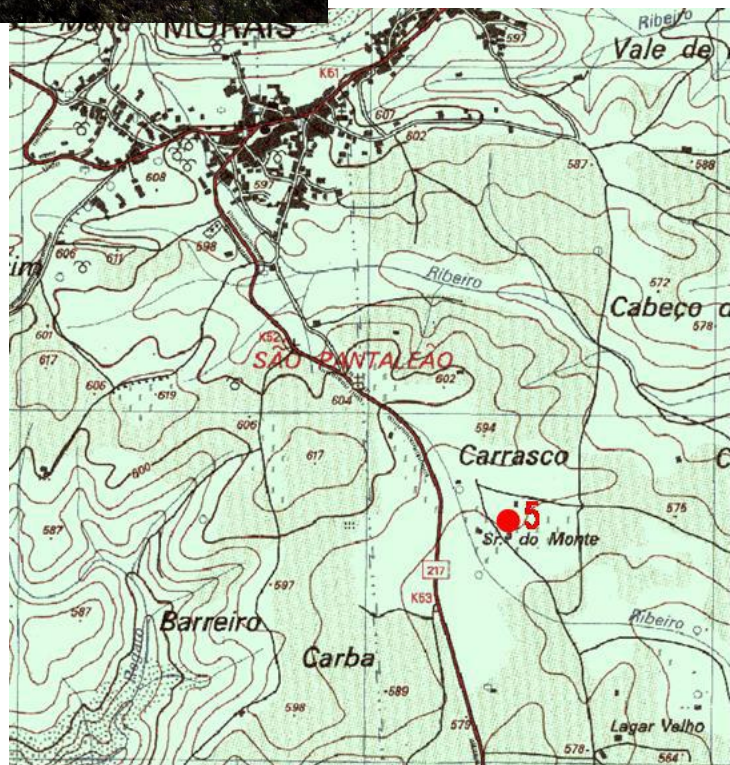


Figura 5 – Localização da Senhora do Monte na CMP 1/25000, Folha 79.

ruínas de uma pequena igreja (Cf. Figura 5), que conserva ainda boa parte da sua fachada (Cf. Foto 34). Trata-se de uma igreja de forma rectangular, construída com blocos de xisto e quartzo argamassados, conservando-se ainda em certas zonas, o reboco das paredes. A entrada principal, apresenta forma rectangular, sendo definida por cantaria em granito (Cf. Foto 34), à semelhança da porta lateral situada na parede sul, apresentando esta no entanto, um arco de volta perfeita (Cf. Foto 35).

Na área envolvente, que se encontra lavrada, são observáveis à superfície do terreno numerosos fragmentos de telhas de meia-cana e outros materiais de construção, não tendo sido detectados fragmentos de cerâmica.

Segundo informação oral por parte do proprietário de um terreno com utilização agrícola, localizado a cerca de 80 metros a oeste das ruínas, o adro da igreja, terá sido destruído nos anos 30/40 do século XX, para que os materiais fossem reutilizados na construção da igreja de Morais.

Revelou também, que no seu terreno, foram ao longo dos anos surgindo vários materiais aquando dos trabalhos de lavra. Estes materiais incluiriam fragmentos de cerâmica, uma mó completa e um movente de mó, tendo o proprietário cedido gentilmente à equipa estes últimos materiais.

Segundo a tradição local, esta igreja estaria associada a um antigo povoado que aqui existiria, que posteriormente foi abandonado e transferido para o local onde hoje se implanta a povoação de Morais.

Espólio Recolhido: Foram cedidos pelo proprietário, uma mó (Cf. Foto 36) e um movente de mó (Cf. Foto 37).



Foto 34 – Senhora do Monte – Fachada da Capela.

6. Sobreda

Freguesia: Morais

CMP: Folha 78

Tipo de sítio: Sarcófago

Cronologia: Medieval Cristão

Coordenadas: 41° 30' 07'' N
6° 48' 56'' W

Descrição: No interior da aldeia de Sobreda (Cf. Figura 6) encontra-se um sarcófago antropomórfico em granito, ao qual falta já a tampa, situado junto a um poço. A sua proveniência original é desconhecida, e os habitantes da aldeia referem que sempre se lembram de o ver naquele local.

Encontra-se apoiado em blocos de xisto para criar altura, pelo facto de ser utilizado como bebedouro para animais (Cf. Foto 38).

O arco de cabeceira desenha-se em volta perfeita, e no seu interior encontra-se uma “almofada”; na área exterior são visíveis vários orifícios circulares (Cf. Foto 40).

O sarcófago vai estreitando progressivamente até aos pés (Cf. Foto 39), existindo nessa área um orifício no fundo do sarcófago para escoamento de líquidos.

Segundo informação oral prestada por habitantes da Sobreda, o sarcófago tem sido alvo de várias ofertas monetárias por parte de pessoas estranhas à povoação, tendo como objectivo a sua aquisição e remoção do local.

Espólio Recolhido: Não foi recolhido qualquer espólio.

Bibliografia: NETO, 1975:238.

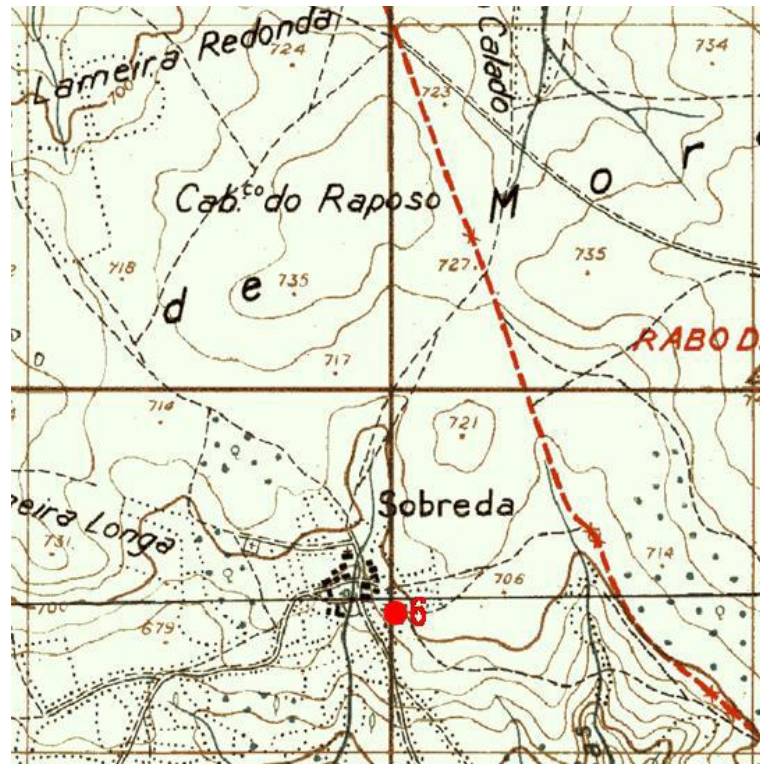


Figura 6 – Localização do Sarcófago da Sobreda na CMP 1/25000, Folha 78.



Sarcófago Antropomórfico.

7. Cabeço Berrão

Freguesia: Talhas

CMP: Folha 79

Tipo de sítio: Achado Isolado

Cronologia: Indeterminada

Coordenadas: 41° 28' 18" N
6° 40' 05" W

Descrição: O Cabeço Berrão localiza-se a cerca de 3,3 km a SE da povoação de Talhas, sendo uma elevação de forma alongada, sobranceira ao Rio Sabor e localizada na sua margem esquerda (Cf. Fig 7). Situa-se imediatamente a SW do arqueosítio da Cerca dos Mouros e sua altitude máxima é de 499 metros, apresentando no topo uma forma aplanada.

O topo apresenta-se lavrado na sua área central e coberto por arbustos nas duas extremidades da elevação.

O seu topónimo levou a considerar o local como um dos objectivos para a equipa nesta primeira campanha.

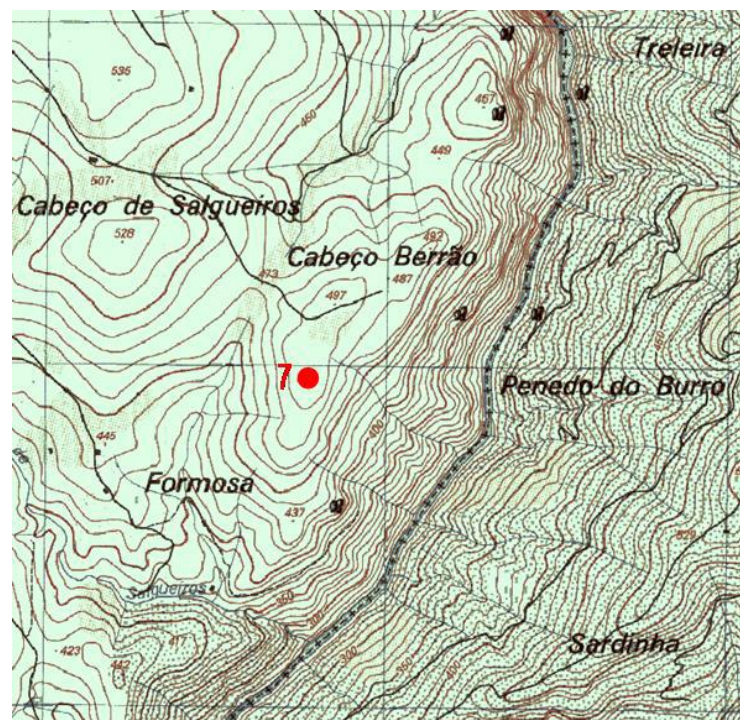


Figura 7 – Localização do Cabeço Berrão na CMP 1/25000, Folha 79.

Como resultado da prospecção, recolheu-se um peso em xisto, na área coberta por arbustos na zona sul da elevação (Cf. Foto 41), não tendo sido detectado mais nenhum material.

Devido à proximidade geográfica em relação à Cerca dos Mouros e pelo facto de nesse arqueosítio ter sido recolhido um peso de xisto idêntico, é possível que este achado se encontre relacionado com a Cerca dos Mouros.

Espólio Recolhido: Peso em xisto. (Cf. Foto 42)

Bibliografia: Inédito



Cabeço Berrão – Vista geral de NW, com a indicação do local de recolha do peso em xisto.



Foto 48 – Cerca dos Mouros – Estrutura circular localizada no interior da muralha.

9. Xaires

Freguesia: Talhas

CMP: Folha 79

Tipo de sítio: Indeterminado

Cronologia: Indeterminada

Coordenadas: 41° 28' 54'' N
6° 40' 42'' W

Descrição: A cerca de 1,4 km a SSE da povoação de Talhas, na elevação onde se localiza o marco geodésico de Xaires (Cf. Figura 9), são visíveis no topo e na vertente virada a sudoeste vários fragmentos de cerâmica e alguns percutores. O topo apresenta uma forma aplanada e as vertentes desenvolvem-se em ligeiro declive, não apresentando o local condições naturais de defesa. A área encontra-se presentemente lavrada.

Junto ao marco geodésico encontram-se fragmentos de telha de cronologia recente, que talvez pertencessem a um pequeno edifício que terá entretanto sido demolido.

O material observado à superfície e o recolhido, não permite uma atribuição cronológica ao local.

Espólio Recolhido: Vários fragmentos de cerâmica e dois percutores em Quartzo.

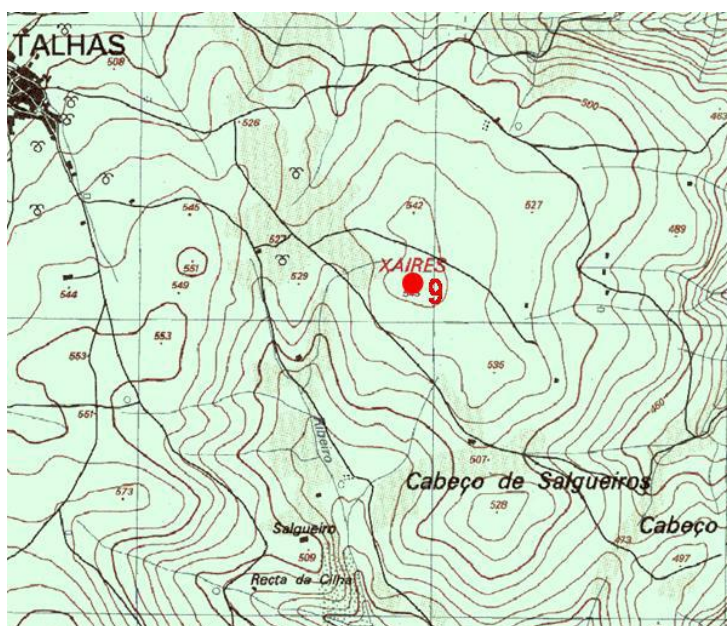


Figura 9 – Localização de Xaires na CMP 1/25000, Folha 79.

Bibliografia: Inédito



Foto 55 – Xaires – Vista geral a partir de Sudoeste.

10. Castelo de Gralhós

Freguesia: Talhinhos
CMP: Folha 79

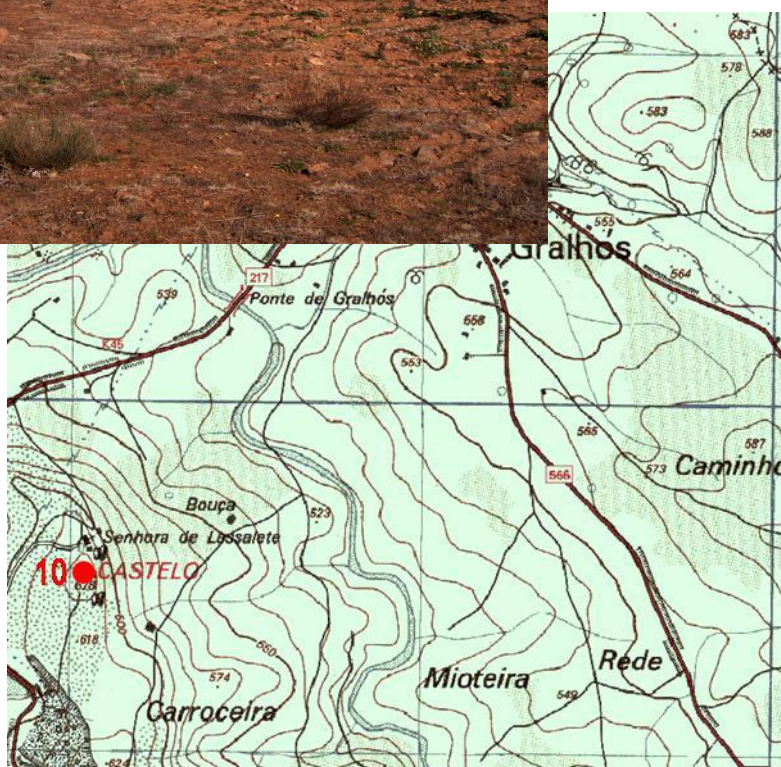


Figura 10 – Localização do Castelo de Gralhós na CMP 1/25000, Folha 79.

Tipo de sítio: Indeterminado
Cronologia: Indeterminada
Coordenadas: 41° 31' 30'' N
6° 44' 41'' W

Descrição: O Castelo de Gralhós localiza-se no topo de uma elevação sobranceira à Ribeira de Vale de Moinhos na sua margem esquerda e a cerca de 1,5 km a SW da povoação de Gralhós (Cf. Figura 10).

O local não apresenta óptimas condições naturais de defesa, sendo facilmente acessível, excepto pelo seu lado Leste, detendo no entanto um bom domínio estratégico sobre a área envolvente.

No topo da elevação encontra-se actualmente o Santuário de Nossa Senhora de Lassaete. A elevação encontra-se coberta por vegetação o que dificultou a prospecção, não tendo sido observados vestígios materiais à superfície.

Espólio Recolhido: Não foi recolhido qualquer espólio.

Bibliografia: NETO, 1975:241



Foto 57 – Castelo de Gralhós – Vista geral a partir de Leste.

11. Levada Velha

Freguesia: Talhas
CMP: Folha 93
Tipo de sítio: Arte Rupestre
Cronologia: Indeterminada
Coordenadas: 41° 27' 01'' N
6° 40' 43'' W



Figura 11 – Localização do Núcleo da Levada Velha na CMP 1/25000, Folha 93.

Descrição: O Núcleo da Levada Velha localiza-se a cerca de 5 km a SSE da povoação de Talhas. Corresponde, no estado actual dos nossos conhecimentos, a um troço de cerca de 750 metros de extensão, que se inicia a cerca de 850 metros a jusante da foz do rio Maçãs.

Foram identificadas doze rochas com gravuras efectuadas utilizando as técnicas de picotado e abrasão.

Para além de conjuntos de linhas de difícil interpretação sem um levantamento mais cuidado, identificaram-se dois antropomorfos, um equídeo ou cervídeo e um bovídeo.

Espólio Recolhido: Não foi recolhido qualquer espólio.

Bibliografia: Inédito.

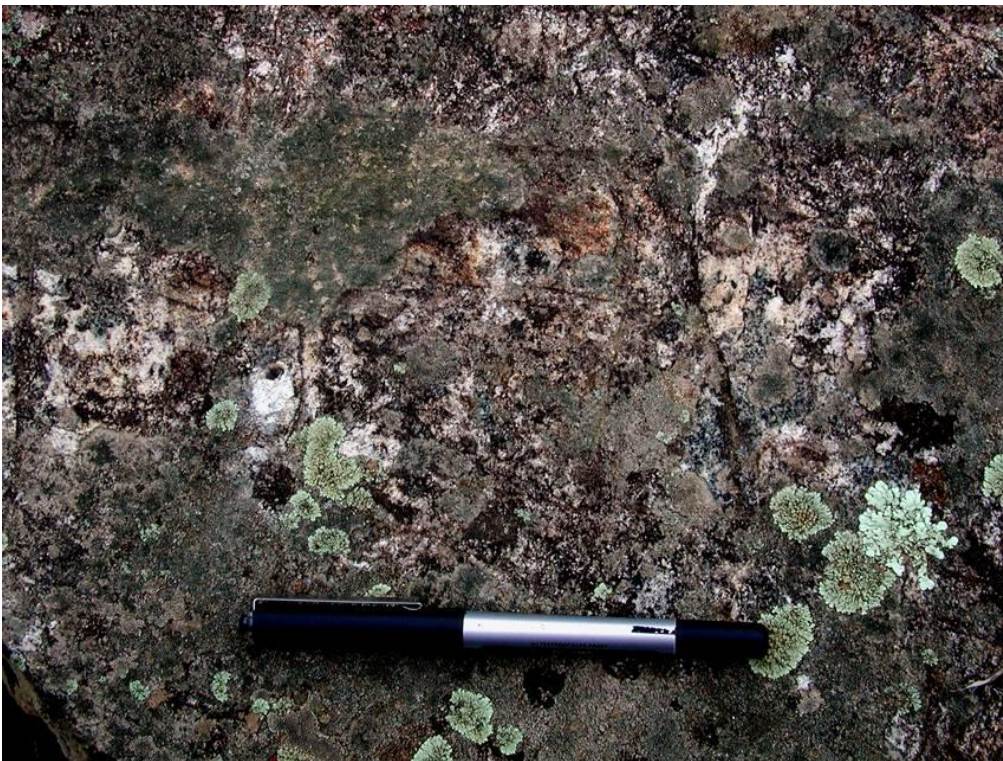


Foto 60 – Levada Velha – Equídeo ou Cervídeo com a cabeça virada para trás.